



Universidade do Minho  
Instituto de Educação

Sílvia Ferreira Fernandes

A interação netos-avós na contemporaneidade





Universidade do Minho  
Instituto de Educação

Sílvia Ferreira Fernandes

A interação netos-avós na contemporaneidade

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Estudos da Criança  
Área de especialização:  
Intervenção Psicossocial com Crianças Jovens e Famílias

Trabalho efetuado sob a orientação da  
Professora Doutora Alice Maria Delerue Alvim de Matos

## DECLARAÇÃO

Nome: Sílvia Ferreira Fernandes

Endereço eletrónico: silvia\_fernandes\_14@hotmail.com Telefone: \_\_\_\_\_

Número do Bilhete de Identidade: 14379464

Título dissertação/tese: A interação netos-avós na contemporaneidade

Orientador(es): Professora Doutora Alice Maria Delerue Alvim de Matos

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado: Mestrado em Estudos da criança; área de especialização: Intervenção Psicosocial com Crianças, Jovens e Famílias

Nos exemplares das teses de doutoramento ou de mestrado ou de outros trabalhos entregues para prestação de provas públicas nas universidades ou outros estabelecimentos de ensino, e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito legal na Biblioteca Nacional e, pelo menos outro para a biblioteca da universidade respectiva, deve constar uma das seguintes declarações:

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

2. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO (indicar o uso mínimo necessário, o máximo de páginas, ilustrações, gráficos, etc.) PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

3. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO (indicar o uso mínimo necessário, o máximo de páginas, ilustrações, gráficos, etc.) PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: Silvia Ferreira Fernandes

## **Agradecimentos**

Agradeço imenso às catequistas do Centro Paroquial de Pevidém, pela autorização e disponibilidade proporcionada para a realização das entrevistas.

Agradeço também aos pais e às crianças, pela autorização e disponibilidade à realização das entrevistas sem vocês não teria conseguido.

À professora Doutora Alice Matos, pela sua disponibilidade e orientação e também pela partilha dos seus conhecimentos que contribuíram muito para a realização deste projeto.

A toda a minha família, namorado e amigos que nunca me deixaram desistir e por todo o apoio que me têm dado. Especialmente aos meus pais porque sem eles não teria conseguido alcançar mais um objetivo.

## **Resumo**

As alterações demográficas e sociais e a participação crescente da mulher no mercado de trabalho, por um lado, e a crise financeira, por outro lado, levam a que haja oportunidades para que os avós assumam um papel mais importante na família e na prestação de cuidados aos netos. Na minha infância, lembro-me de passar muito tempo com os meus avós e esta relação que estabelecemos foi e é muito rica, dada a influência e partilha mútua de conhecimentos. Esta experiência pessoal está na origem do meu interesse pelo tema das interações netos-avós. Elegi as crianças como população-alvo, pretendendo, desta forma, distanciar o meu estudo de grande parte das investigações que se centram sobretudo na opinião dos avós sobre a interação com os seus netos. Optei por um estudo de carácter qualitativo, com uma análise comparativa das interações entre dois grupos: o dos netos e avós que as crianças consideram mais próximos afetivamente e o dos netos e restantes avós. Para o efeito, realizei entrevistas semiestruturadas a 37 crianças entre os 10 e os 12 anos e procedi à análise de conteúdo dos seus discursos. Constatei a existência de diferenças significativas nas interações estabelecidas nos dois grupos anteriormente descritos. Os netos atribuem maior importância ao contacto com os avós mais próximos afetivamente do que ao contacto com os restantes avós. De uma maneira geral, os netos consideram ter uma relação extremamente próxima com os avós maternos porque passam mais tempo com eles. Os netos realizam atividades centradas nas crianças com os avós mais próximos afetivamente mas, com os outros avós, a maioria não desenvolve nenhuma atividade; apenas alguns desenvolvem atividades centradas em ambos. Aprendem comportamentos com os avós mais próximos e competências práticas com os outros avós mas, um número significativo de inquiridos menciona não aprender nada com estes avós. Falam de assuntos centrados nas crianças mas ensinam sobretudo competências a todos os avós. Definiram-se 4 perfis de crianças, tendo em conta a qualidade da relação e as características funcionais da relação intergeracional e o papel desempenhado pelos pais na relação netos-avós: os afetivos, os educadores/transmissores, os desinteressados e os auxiliares.

**Palavras-chave:** interação; relações intergeracionais, avós; netos; contemporaneidade

## **Abstract**

The demographic and social changes and the increasing participation of the woman in the labour market and the financial crisis lead to opportunities for grandparents to assume a more important role in the family and in providing care to grandchildren. In my childhood, I remember spending a lot of time with my grandparents and this relation was and it is very important, given the influence and mutual share of knowledge. This personal experience is at the origin to my interest in the topic of grandchildren-grandparents' relationships. I choose the children as the target population, intending in this way to distance my study from most of the research that focuses mainly on grandparents' opinion about interaction with their grandchildren. I opted for a qualitative study, with a comparative analysis of the interaction between two groups: that of the grandchildren and grandparents whom the children consider affectively closer and that of the grandchildren and other grandparents. For this purpose, I performed semi-structured interviews to 37 children between the ages of 10 and 12 and analysed the content of their speeches. I have noticed the existence of significant differences in the interactions established in the two groups previously described. In general, the grandchildren consider having an extremely close relationship with their maternal grandparents because they spend more time with them. The grandchildren carry out child-centred activities with the affectively closest grandparents but, with the other ones, most of them do not carry out any activities. Only a few of these develop activities centred on both members of the two generations. Children learn behaviours with the closest grandparents and practical skills with the other ones but, a significant number of respondents mention not learning anything from these not so close grandparents. They talk about children-centred issues, but they mainly teach skills to all grandparents. Four profiles of children were defined, taking into account the quality of the relationship and the functional characteristics of the intergenerational relationship and the role played by the parents in the grandchild-grandparent relationship: affective, educator, disinterested and auxiliary.

**Key words:** interaction, intergenerational relationship; grandparents; grandchildren, contemporaneity.

## Índice

<b>I – As relações netos-avós: enquadramento contextual e teórico</b> .....	10
<b>a) Contexto – O passado e o presente das relações avós e netos</b> .....	10
i. Os avós do passado – o seu papel na família .....	10
ii. Os avós e a sua relação com os netos na atualidade .....	12
<b>b) A relação avós e netos</b> .....	13
i. Modelos teóricos de análise da relação avós e netos .....	13
ii. Características gerais da relação netos-avós .....	19
iii. A interação avós e netos e suas determinantes .....	20
iv. O papel dos pais na relação avós e netos .....	24
v. As percepções dos netos sobre os avós .....	25
<b>II - Metodologia</b> .....	27
<b>a) A “amostra”</b> .....	27
<b>b) A população-alvo</b> .....	29
<b>c) As entrevistas</b> .....	29
<b>d) A análise de conteúdo</b> .....	30
<b>e) As categorias de análise</b> .....	31
<b>f) As unidades de análise</b> .....	32
<b>g) As limitações do método</b> .....	33
<b>III - Apresentação e discussão dos resultados empíricos</b> .....	35
<b>a) Caracterização dos avós e da interação netos-avós</b> .....	35
i. Caracterização dos avós .....	35
ii. Caracterização da interação netos-avós .....	38
iii. O papel dos pais na relação netos-avós .....	43
<b>b) Perfis relativos ao papel dos netos na interação netos-avós</b> .....	48
<b>Anexos</b> .....	62
<b>Anexo 1 – Guião de entrevista</b> .....	63
<b>Anexo 2 – Consentimento informado</b> .....	67
<b>Anexo 3 – Assentimento informado</b> .....	68



## **Introdução**

A problemática em estudo prende-se com a compreensão do tipo de interação que os netos estabelecem com os seus avós. Entre outros fatores, as alterações demográficas e sociais e a participação crescente da mulher no mercado de trabalho, por um lado, e a crise financeira, por outro lado, levam a que haja oportunidades para que os avós assumam um papel mais importante na família e na prestação de cuidados aos netos.

Na minha infância lembro-me de passar muito tempo com os meus avós, esta relação que estabelecemos foi e é muito rica. Existe muita partilha de histórias, conhecimentos, experiências, sentimentos e muitas outras coisas que se tornaram essenciais para o meu crescimento. A influência e a partilha de conhecimentos tem um sentido descendente mas também ascendente. Esta experiência pessoal levou-me a eleger as relações dos netos com os avós como temática da minha dissertação de mestrado e a definir como objetivo de pesquisa a compreensão das formas que esta relação intergeracional assume na contemporaneidade. A importância desta pesquisa prende-se com a necessidade de identificar políticas sociais que promovam o papel dos avós.

Muitos estudos têm estudado as perspetivas dos avós, negligenciando o ponto de vista dos netos (Delerue Matos & Neves, 2012), razão pela qual, nesta dissertação de mestrado, optei por privilegiar a perspetiva da geração mais jovem.

Esta dissertação é composta por uma introdução, um capítulo onde apresenta o estado da arte, ao qual se segue a apresentação e fundamentação da metodologia adotada, a apresentação e discussão dos resultados e a conclusão.

No que diz respeito ao enquadramento teórico este divide-se em duas partes: 1) Contexto – O passado e o presente das relações avós e netos 2) Análise da relação avós e netos.

Na primeira parte adota-se uma perspetiva histórica, descrevendo-se a evolução das relações dos avós com os netos. As relações dos avós com os netos têm sido estudadas pelas ciências sociais há mais de 50 anos, os primeiros estudos datam da década de 30 e 40 do século passado e apontam para uma influência negativa dos avós sobre os netos. No período da II Guerra Mundial, os avós começaram a assumir um papel mais vincado na educação e acompanhamento dos netos, papel consentido pelos pais. Avós e netos partilhavam frequentemente a mesma residência.

Após a II Guerra Mundial, mais precisamente nos anos 60, os avós passaram a ter novamente um papel periférico, devido ao reforço da importância da família nuclear. No entanto, os investigadores começaram a aperceber-se do caráter positivo da relação dos avós com os netos. Constataram que os avós representam um papel essencial na vida dos netos e de outros membros da família, participando como educadores e estabelecendo o elo entre o presente e o passado. Nos anos 90, os investigadores ainda continuam a privilegiar, nos estudos sobre os avós, a análise das relações intergeracionais entre os avós e netos e estes ainda continuam a refletir as alterações que ocorreram na família, no período anterior. Os avós do passado interagem com os netos em função das tarefas do dia-a-dia que eram características daquela época, como por exemplo, lavar a roupa num tanque situado fora de casa.

O aumento da esperança média de vida e a melhoria do estado de saúde em idades mais avançadas contribui para que, hoje, os avós vivem tempo suficiente para ver os seus netos chegarem tanto à adolescência como a idade adulta. Atualmente, os avós têm maior qualidade de vida pois envolvem-se em atividades de âmbito social e profissional, praticam atividade física regularmente e assumem o papel de avós com muita satisfação. Com a diminuição da natalidade, a atenção dos avós para com os netos passou a ser mais individualizada. É assim essencial continuar a estudar e compreender melhor esta relação, acompanhando as constantes mudanças.

Na segunda parte do primeiro capítulo, apresento os principais modelos teóricos que têm sido utilizados na análise das relações netos-avós. Sem esta análise não conseguiria compreender o que já foi feito no âmbito desta temática. Constatei que a maioria dos modelos são focados nos avós e poucos elegem os netos como população-alvo.

O modelo teórico mais importante para a análise das relações familiares intergeracionais é o modelo da solidariedade familiar intergeracional, de Bengtson et al. (1991; 1997). O objetivo inicial deste modelo era explicar as relações intergeracionais que se estabelecem entre idosos e os seus filhos, depois destes atingirem a maturidade e formarem as suas famílias e construírem uma carreira profissional. Assim, este modelo explica as redes de apoio entre gerações onde se propicia um espaço relacional, social, educativo e de cuidados (Bengtson e Roberts, 1991). Este modelo de solidariedade intergeracional aponta para 6 dimensões: solidariedade associativa, de afetos ou apego emocional, de consenso ou acordo, de apoio funcional, de normas ou expectativas das obrigações familiares individuais e de estrutura de oportunidade da interação familiar. Os autores apresentam, no ano de 2010, uma segunda versão do modelo reduzindo as 6 dimensões

a apenas 4: a solidariedade espontânea, a solidariedade associativa, a solidariedade funcional e a solidariedade afetiva. Mais tarde ainda, adaptam o modelo às relações netos-avós.

São vários os estudos realizados sobre esta temática. Alguns autores criaram instrumentos de avaliação e outros propuseram perfis de caracterização dos avós ou netos, no entanto todos elegem os avós como população-alvo. Os estudos que incidem sobre a relação dos netos para com os seus avós são em número mais reduzido. A grande maioria avalia netos em idade adolescente ou adulta e raramente incidem sobre crianças. O estudo mais relevante para o meu estudo é o das autoras Delerue Matos e Neves (2012), em que as idades dos intervenientes estão compreendidas entre os 12 e os 18 anos, da região norte de Portugal. Para explicar os resultados do estudo foram estabelecidos perfis, estes dizem respeito ao papel dos avós na relação com os netos. Os perfis são: amigos, companheiros, cuidadores e colegas.

Uma vez apresentados os modelos explicativos das relações intergeracionais, caracteriza-se, de forma genérica, a relação netos-avós, na atualidade. Com a diminuição da taxa de natalidade, os avós passam a dar uma atenção mais individualizada a cada neto. Tornar-se avô ou avó leva a uma nova definição da sua posição no seio familiar, esta passa a ser contínua ao longo da vida oferecendo identidade e continuidade à história da família. A interação dos avós com os netos é essencial pois é uma das mais significativas da vida de uma pessoa e é a segunda mais importante da vida de uma criança. Para os netos os avós são uma fonte familiar, que lhes proporciona amor, carinho, ajuda no que é necessário, cuida dos netos e têm muita experiência e conhecimento para proporcionar.

Um aspeto importante a realçar sobre a temática da interação dos avós com os netos é a necessidade de se criarem políticas públicas que apoiem o papel dos avós como cuidadores dos seus netos, em níveis não intensivos (Glasser, Glessa e Tinker, 2014). É fundamental um maior reconhecimento do papel informal dos avós como cuidadores dos seus netos. Esse reconhecimento deverá traduzir-se em medidas em diferentes domínios políticos, desde as pensões e reformas, às creches, segurança social e habitação. Neste âmbito, sublinhe-se que as políticas promotoras do envelhecimento ativo contribuem para o reconhecimento do valor dos idosos na vida dos seus netos, tanto em benefício das crianças como da sua família, mas também geram inúmeros benefícios para a pessoa idosa, tanto no que diz respeito ao bem-estar, em geral, como à sua saúde, em particular.

De seguida, apresento as vantagens/influência da interação avós e netos. A relação dos avós com os netos suscita inúmeras questões. Assim quando se pesquisa as razões pelas quais

alguns avós se sentem mais envolvidos na vida de alguns netos do que na vida de outros compreende-se que estão relacionadas com diferentes atitudes e comportamentos dos avós mas também com os comportamentos dos netos e dos pais que medeiam as relações. Para os netos os avós têm um papel muito influente nas suas vidas e as perspetivas mais tradicionais enfatizam a importância dos avós como agentes de socialização dos netos. Os avós têm um papel essencial na transmissão transgeracional da história e valores da família pois esta é a forma de assegurar que a história passa de geração em geração. Alguns fatores influenciam diretamente a relação dos avós com os netos, podendo melhorar ou interferir com a mesma. Entre esses fatores contam-se a idade, a distância geográfica, o estado de saúde dos membros da família, a personalidade, as condições económicas, a localidade onde habitam os netos, pais e avós, os valores e cultura das famílias e ainda as políticas sociais que podem influenciar o inter-relacionamento, o desempenho dos seus papéis e a ajuda entre as diversas gerações.

A dimensão mais importante na interação dos avós com os netos é a afetiva, visto que esta relação é diferente de todas as outras e é única, pois vai se contruindo no dia-a-dia através de pequenas ações do quotidiano. Os avós demonstram um amor incondicional, uma continua disponibilidade e, mais importante, uma tranquilidade relacional sustentada na experiência. Esta relação proporciona um meio de aprendizagem, compartilhamento e confidências, de uma forma descontraída e livre, em alguns casos até mais do que com os pais.

Uma relação muito importante e que apresenta uma influência enorme na relação dos avós com os netos é a relação avós, pais e netos. Esta é uma relação essencial, pois quando os avós têm uma boa relação com os seus filhos e companheiros dos mesmos, a interação dos avós com os netos tem muito mais qualidade, pois os pais incentivam e preocupam-se que esta relação seja frequente e com vantagens para todos. Em caso de divórcio dos pais, os avós assumem o maior suporte aos netos. O amor incondicional, o apoio aos netos e os mimos são fundamentais na relação entre avó e neto. Por norma a transmissão geracional está interligada ao comunicar, educar e ensinar e a importância do papel dos avós na vida dos netos e dos pais é reconhecida, no que diz respeito à ajuda financeira, favorecimento parental, aconselhamento e instrumental.

Como o meu estudo se centra na opinião das crianças é essencial compreender a perceção dos netos sobre os avós. Os netos têm muito para ensinar aos seus avós e esta relação apresenta muitas vantagens para ambos pois verifica-se uma aprendizagem mútua. Os avós devem descobrir novas coisas com os netos e não se prenderem só ao que viveram e aprenderem, devem preocupar-se em compreender perspetivas diferentes das que estão habituados. Os netos

consideram que conseguem viver com os seus avós uma relação educativa e afetiva, mas diferente da que estabelecem com os progenitores, visto que os avós têm mais tempo para passear e brincar, ao contrário dos pais que têm menos tempo, pois têm que trabalhar e chegam a casa cansados.

Na minha tese apresento ainda a metodologia. Recorri à análise qualitativa, assente em entrevistas semi-estruturadas e na análise de conteúdo temática dessas entrevistas. Para além da metodologia e da técnica utilizadas, faço também referência à forma como selecionei a população-alvo, como conduzi as entrevistas, como defini e justifiquei as categorias utilizadas e por fim como expus as principais limitações do método utilizado e algumas formas de o contornar.

Após a metodologia apresento a apresentação e discussão dos resultados. Neste ponto procuro dar resposta aos objetivos propostos e, portanto, verificar qual o tipo de interação dos avós com os netos. Procuro assim verificar até que ponto os resultados obtidos podem ser interpretados de acordo com o quadro teórico apresentado previamente, das investigações realizadas neste âmbito, e ao mesmo tempo, evidenciar o que o projeto traz de novo.

Finaliza-se a dissertação com a apresentação das principais conclusões do estudo e de algumas recomendações para futuras investigações.

## **I – As relações netos-avós: enquadramento contextual e teórico**

### **a) Contexto – O passado e o presente das relações avós e netos**

#### **i. Os avós do passado – o seu papel na família**

Os estudos sobre os avós têm revelado que as interações avós-netos e o papel dos avós na família têm sofrido uma enorme alteração ao longo do tempo. Para compreendermos melhor estas mudanças irei descrever a evolução das relações familiares, mais propriamente o papel dos avós na família do passado recente, aos nossos dias.

As relações dos avós com os seus netos têm sido estudadas pelas ciências sociais há mais de 50 anos. Os primeiros estudos sobre o papel dos avós são de 1930 e 1940 e foram redigidos por psiquiatras e clínicos. Estes divulgavam uma visão negativa sobre a influência dos avós sobre os netos (Pires, 2010).

Entre 1940 e 1944, no período da II Guerra Mundial, as consequências mais vincadas desta época prendem-se com uma maior ausência dos pais, determinada por divórcios e separações, e a integração das mães no mercado de trabalho. Desta forma, os avós assumiram um papel mais vincado na educação e no acompanhamento dos seus netos (Szinovacz, 1998). Este novo papel para além de consentido pelos avós também foi solicitado pelos pais. A noção de família desta época é a de família alargada, pois avós, pais e netos residiam todos na mesma casa o que foi favorável à relação dos avós com os netos, visto estarem muito próximos geograficamente (Hentig, 1946).

Após a II Guerra Mundial, nos anos 60 do século passado, presenciou-se um aumento do número de casamentos e da taxa de natalidade. Por oposição ao período anterior, verificou-se o regresso ao modelo da família nuclear (pai, mãe e filhos), sendo os avós remetidos para um papel periférico (António, 2010). Só nesta época é que os investigadores começaram a ver a temática dos avós pelo seu lado positivo e tal aconteceu devido a uma mudança de papéis e estereótipos tradicionais dos avós (Pires, 2010).

Todavia, nos anos 70, verificou-se um aumento do número de divórcios, de famílias monoparentais e de gravidezes na adolescência. Estes fenómenos despoletaram uma enorme preocupação com o papel dos avós, devido à diminuição da sua proximidade geográfica com a família. Esta foi uma época de crise na família e os avós representaram um papel essencial de emancipadores da mesma (Szinovacz, 1998). Nesta altura, as preocupações incidem sobre a perceção que os netos têm dos avós e a interação que estabelecem com os mesmos,

compreendendo-se que os avós podem ser uma enorme ajuda como educadores para os mais novos, visto serem um elo com o passado (Robertson, 1975; Kahana, e Kahana, 1971).

Os anos 80 do século passado refletem as novas dificuldades que a família enfrenta, como o uso de drogas, o aumento da gravidez precoce, o surgimento da SIDA e a carência de apoio aos familiares idosos e também às crianças das mães trabalhadoras. Os gerontologistas verificaram um aumento significativo da população idosa que necessita de um maior apoio pelo que demonstraram cada vez mais interesse pelas relações intergeracionais e pelos suportes sociais existentes (António, 2010). Neste período, verificou-se uma enorme escassez de literatura científica sobre este assunto, visto que os estudos eram de natureza descritiva e retratavam apenas as fases iniciais do desenvolvimento da pessoa e da família, atribuindo maior relevância à infância, às relações entre pais e filhos e à educação dos filhos (Pires, 2010). As pesquisas sobre os avós nesta época levantaram um importante debate entre investigadores, afirmando alguns que os avós adotavam comportamentos egocêntricos, em que se preocupavam apenas com eles próprios e descartavam os netos enquanto outros referiam o contrário, assegurando que os avós e netos tinham uma relação de companheirismo (Cherlin e Furstenberg 1986; Kornhaber 1985). Estas perspectivas e novos estudos despoletaram maior preocupação e interesse por parte dos investigadores de diversas áreas, como a sociologia, psicologia, psiquiatria e até o direito relativamente à importância da relação dos avós com os netos. Assim, aumentaram os estudos sobre os avós e suas relações com os netos (Araújo e Dias, 2002).

Desde os anos 90 do século passado que, nos estudos sobre os avós, os investigadores continuam a privilegiar a análise das relações intergeracionais entre avós e netos e os estudos ainda refletem as alterações que foram ocorrendo na família, no período anterior. O foco é cada vez mais direcionado para a família e para a necessidade desta apoiar os membros mais idosos, o que pode ser obtido com o alargamento dos núcleos familiares e a maior convivência entre gerações. Consequentemente, a interação entre os avós e netos e as suas consequências tornaram-se uma temática predominante nas pesquisas sobre os avós. Surgem estudos sobre os avós de áreas rurais. Em suma, pode-se afirmar que os estudos têm seguido as grandes mudanças sociais na estrutura das famílias (António, 2010).

Os avós do passado interagiam com os netos em função das tarefas do dia-a-dia que eram características daquela época, como o lavar a roupa num tanque situado fora de casa, tirar água do poço e utilizá-la nas atividades da vida diária, jogar às cartas à volta de uma mesa e

ainda cozinhar num fogão a lenha e, no caso das avós, fazer croché (Andrade, Osório e Neto, 2008)

## **ii. Os avós e a sua relação com os netos na atualidade**

Na atualidade, as relações entre avós e netos estabelecem-se num contexto de elevada esperança média de vida da população, principalmente da população mais idosa (Silverstein e Long 1998). Os avós dos nossos dias vivem mais tempo e também têm mais saúde (Sampaio, 2008). Estes factos originaram o acréscimo do número de avós que vivem tempo suficiente para terem a possibilidade de ver os seus netos chegarem tanto à adolescência, como a idade adulta jovem ou até mesmo à idade adulta. Em consequência deste facto, as relações entre os avós e netos passam a ser de longo prazo (Silverstein e Long, 1998).

São vários os fatores associados a esta relação de longo prazo entre avós e netos de que se destaca o facto das pessoas viverem mais tempo no papel de avós e de bisavós, o desenvolvimento de novos modelos familiares (famílias monoparentais, divorciadas/separadas e famílias recompostas), o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e por fim, a importância que os avós representam em algumas situações específicas como na gravidez na adolescência e na morte dos pais ou no uso de drogas por parte destes (Dias e Silva, 1999).

Os avós do presente são pessoas que se encontram a meio da sua vida, que se envolvem em atividades de âmbito social e profissional, que praticam atividade física regularmente e estão implicados no papel de avós com muita satisfação (Araújo e Dias, 2002). Os avós de hoje vivem mais anos, têm maior poder económico, são mais saudáveis e têm mais formação e educação, o que leva a que tenham mais qualidade de vida. Verifica-se também que nascem menos crianças e, como consequência, a atenção dos avós para os netos torna-se mais individualizada, mesmo havendo maior distância geográfica entre residências (Sousa, Figueiredo e Cerqueira, 2004).

Ao terem mais formação, os avós podem proporcionar aos netos novas experiências mas este facto não invalida que os avós de antigamente, com menos formação e poder económico, não proporcionassem aos netos condições de desenvolvimento e afeto (Sousa, 2006).

Ao contrário dos avós do passado, com menos recursos, os avós do presente contam com utensílios essenciais à vida quotidiana, como máquina de lavar, fogão a gás ou elétrico, micro-ondas, fornos elétricos, frigoríficos e computadores. Todas estas mudanças no quotidiano e hábitos das pessoas com mais idade despontam como uma metáfora que explica as mudanças



que estão a ocorrer no contexto de vida do próprio idoso e também do seu papel como avô/avó (Andrade, Osório e Neto, 2008)

As histórias infantis traduzem bem a mudança que se verificou nas representações sobre os avós. No passado, as histórias infantis apresentavam imagens demasiado estereotipadas dos avós, considerando-os velhos, doentes e figuras secundárias. Nos tempos de hoje, os avós são apresentados como pessoas felizes e ainda muito ativos na vida dos seus netos. Em alguns livros, os avós passaram de figuras secundárias para heróis que resolvem problemas familiares e que constituem uma fonte de inspiração para a família. Assim, apresentando uma visão positiva sobre os avós neste tipo de histórias, caracteriza-os como pessoas com valor, apreciadas e respeitadas pelos netos (Beland e Mills 2001).

A literatura infantil é uma referência para as crianças e é essencial que as histórias ao fazer referência aos avós demonstrem que estes são essenciais para a vida familiar. Desta forma, é incutido no neto, desde criança, o respeito e o valor que deve ser dado aos avós para, futuramente, a relação avô-neto ser considerada essencial para ambos.

Na atualidade, o estudo das relações dos avós com os netos merece a maior atenção. No entanto, importantes e rápidas mudanças sociais refletem-se nesses estudos que retratam uma realidade em constante mutação (Oliveira, 2010).

## **b) A relação avós e netos**

### **i. Modelos teóricos de análise da relação avós e netos**

Os modelos explicativos da interação dos avós com os seus netos são inúmeros mas, a grande maioria, elegem os avós como população-alvo. São poucos os que são focados nos netos.

O mais importante modelo teórico de análise das relações familiares intergeracionais é o modelo da solidariedade familiar intergeracional. Visa contribuir para a definição de padrões de solidariedade entre pais idosos e filhos adultos mas os autores adaptaram-no, alguns anos mais tarde, às relações avós-netos. Mais especificamente, pretende explicar os laços intergeracionais que se estabelecem após os filhos atingirem a maturidade e formarem as suas famílias e construírem uma carreira profissional. Assim este modelo explica as redes de apoio entre gerações

onde se propicia um espaço relacional, social, educativo e de cuidados (Bengston e Roberts, 1991).

Este modelo abrange 6 dimensões da solidariedade que são:

- Associação ou contacto (frequência de interação entre os indivíduos de ambas as gerações e tipo de partilha de atividades que praticam);
- Afetos ou apego emocional (grau de proximidade emocional sentida entre os indivíduos de ambas as gerações);
- Consenso ou acordo (representa a importância do acordo ou da semelhança entre valores, atitudes e crenças, sendo os avós agentes de socialização, transmitindo valores e normas sociais aos seus netos);
- Apoio funcional (auxílio e assistência que é transmitida entre avós e netos, mais especificamente prestar cuidados sempre que é necessário);
- Normas ou expectativas das obrigações familiares individuais (referente às obrigações percebidas e às expectativas dos laços intergeracionais, onde os avós têm obrigações para com os netos, mas estes também têm para com os avós);
- Estrutura de oportunidades da interação familiar (fatores que reduzem ou amplificam a oportunidade para a interação social entre avós e netos, mais especificamente fatores como a distância geográfica entre gerações, o estado civil, género, idade e saúde de ambos); (Bengston e Roberts, 1991).

Os autores do modelo da solidariedade familiar intergeracional propuseram uma 2ª versão do modelo, reduzindo as 6 dimensões de solidariedade a apenas 4 dimensões: a solidariedade espontânea (razões que levam os netos a procurar os avós, se para benefício pessoal ou benefício dos avós ou mesmo de ambos), a solidariedade associativa (frequência de atividades partilhadas e de contacto entre as gerações), a solidariedade funcional (cuidados e apoio entre gerações, a nível do apoio emocional e serviços a terceiros) e por fim, a solidariedade afetiva (qualidade da interação e o nível de proximidade emocional entre as gerações) (António, 2010).

São vários os autores que se preocupam em demonstrar novos modelos e instrumentos que se vão completando uns aos outros, de forma a proporcionar maior compreensão das relações avós e netos. Um outro instrumento utilizado para avaliar a interação dos avós com os netos é o Network of Relationships Inventory, que utiliza a escala de Likert e compreende 11 sub-escalas com 33 itens, no total (Furman e Buhrmester, 1985). Este instrumento avalia as perceções de companhia, de apoio instrumental, intimidade, afeção, admiração, aliança confiável, poder

relativo, conflito e punição. Para além disto, uma dimensão de suporte de relacionamento poderá ser formada combinando companheirismo, apoio instrumental, intimidade, nutrição, carinho, admiração e subescalas de aliança confiáveis (Creasey & Koblewski, 1991).

A análise das relações avós-netos levou Neugarten e Weinstein (1986) a proporem uma tipologia das relações entre as duas gerações que, ao contrário do instrumento anterior, considerou que poderia restringir a forma de avaliação, dando origem a apenas 5 estilos de relação focados no papel que os avós desempenham. A partir de entrevistas a 70 casais de avós sobre as relações que estes estabeleciam com os seus netos, os autores distinguiram os seguintes estilos de relações: lúdico (relacionado com atividades informais, focando sobretudo as brincadeiras, o prazer e a satisfação mútua), formal (os comportamentos são mais convencionais e existe uma definição clara de papéis relativamente aos pais), autoritário (os netos e os pais estão sujeitos a uma situação de subordinação), distante (o contacto avô neto é muito reduzido e ocasional, como em comemorações e aniversários) e substitutivo (quando os avós assumem as responsabilidades educativas e os cuidados pelos netos, na ausência ou incapacidade dos pais).

Na mesma perspetiva do autor do parágrafo anterior este autor também criou perfis que caracterizam a relação dos avós com os netos, no entanto caracterizou-os de um modo diferente. Assim, tendo em conta o papel que a geração mais velha desempenha junto dos netos, Kornhaber (1996) propõe uma tipologia de perfis de avós: historiador da família (determina uma ligação do neto ao passado), professor (faculta os seus conhecimentos aos netos), mentor (desperta a imaginação e a ambição), estudante (instrui-se no que diz respeito a novas coisas em conjunto com os seus netos), apoiante natural, parceiro (adota um papel secreto mas inspirador e inofensivo), génio (que satisfaz as vontades aos netos), modelo (o seu exemplo tem muito valor ao nível de opiniões, comportamentos e atitudes), herói (manifesta força e coragem), guia espiritual e, por fim, feiticeiro (responsabiliza-se sobre a harmonia da realidade do dia-a-dia)

Ainda na mesma vertente que os estudos apresentados anteriormente este também apresenta perfis sobre o papel desempenhado pelo avô/avó Neugarten e Weinstein (1964) apresentam uma tipologia com 5 categorias: (1) papel de renovação e/ou continuidade biológica (relacionado com o sentido de subsistência da família no futuro), (2) novo papel emocional (diferenciado do que o pai/mãe exercem, oferecendo auto-realização), (3) papel de educador ou recurso (proporcionando novas experiências de vida e ajuda emocional e financeira), (4) papel de extensão do self (possibilidade dos netos alcançarem sonhos ou objetivos que os avós não

atingiram) e (5) papel remoto (relacionado com o sentimento de distância em relação aos netos, levando a que o papel dos avós seja pouco marcante).

Para Kivnick (1982), os papéis assumidos pelos avós podem ser caracterizados (1) pela sua centralidade dada a relevância do papel dos avós para os comportamentos, identidade e sentimentos dos indivíduos, (2) pelo seu valor dada a importância dos avós serem lembrados e estimados, (3) pela imortalidade que remete para a importância de alcançar um sentido de continuidade geracional, (4) pela indulgência que diz respeito à importância que os avós dão ao facto de poderem permitir e mimar os seus netos e, finalmente, (5) pelo re-envolvimento com o passado pessoal, o que está relacionado com a possibilidade do indivíduo reviver experiências de vida e até recordar-se dos seus próprios avós. Este autor apresenta uma perspectiva um pouco diferente das anteriores, pois não existe nenhum perfil, mas sim uma caracterização mais detalhada sobre a relação dos avós com os seus netos.

No que diz respeito aos estudos que incidem sobre a geração mais nova - a geração dos netos, impõe-se mencionar a pesquisa de Robertson (1976) que abrangeu 86 jovens de ambos os sexos, com idade entre os 16 e os 18 anos. Teve como objetivo compreender a atitude dos netos relativamente aos seus avós. As áreas exploradas são: as atitudes e expectativas que os netos têm a respeito dos avós, as percepções dos netos sobre o comportamento dos avós (apropriado e/ou esperado), a responsabilidade dos netos para com os avós, as percepções dos netos sobre o grau de influência dos pais nas relações com os avós e por fim, as concepções do avô ideal. As principais conclusões do estudo apontam para o facto dos netos não considerarem os avós pessoas antiquadas, mas pessoas influentes e importantes e também para o facto dos netos sentirem responsabilidades para com os avós, proporcionando-lhes apoio emocional, ajuda evidente e palpável e ainda tempo de qualidade juntos (Robertson, 1976).

Hoffman (1980) inquiriu raparigas universitárias com o objetivo de avaliar a frequência de contacto, a interação e a percepção sobre a proximidade emocional com os avós. Foram realizadas entrevistas em que as principais conclusões apontam para a importância da linha materna e do género dos avós quando se trata de avaliar a intensidade da ligação entre as duas gerações. As netas afirmam sentir-se mais próximas emocionalmente das avós maternas (Hoffman, 1980).

O que se verifica nos estudos que elegem os netos como população-alvo é que são maioritariamente orientados para jovens que se encontram na fase da adolescência ou a iniciar a vida adulta. Estes estudos são em menor número do que os estudos centrados nos avós e raramente incidem sobre crianças.

Kahana e Kahana (1970) mostraram que a percepção que as crianças têm sobre os avós evolui com a idade. Assim, as crianças dos 4 aos 5 anos consideram que os avós são aqueles que lhes satisfazem todas as vontades, as crianças dos 8 aos 9 anos referem que gostam dos avós, que estes são ativos e divertidos e apreciam estar com eles enquanto que as crianças dos 11 aos 12 anos se sentem confortáveis com uma relação mais distante que possam ter com os avós (Kahana e Kahana, 1970).

Na mesma linha do estudo anterior, Kientz (1983) conclui que as crianças dos 5 aos 8 anos têm uma inclinação sentimental para com as avós, mais especificamente, consideram que elas servem para ajudar, para dar presentes e para fazerem o que os netos pedem. As crianças dos 8 aos 12 anos, quando confrontadas com a pergunta de qual a avó ideal, respondem que desejam que as avós não sejam muito velhas, considerando que 60 anos é uma boa idade para ainda conseguirem fazer coisas juntos, ambicionam que as avós sejam dinâmicas, doces, alegres e pessoas em quem possam confiar e ainda que tenham um cabelo prateado e algumas rugas. Entre os 13 e os 18 anos, uma fase crítica para os adolescentes, em que pode existir alguma incompreensão para com o processo de envelhecimento das avós, verifica-se todavia que os netos se preocupam com a fragilidade e a solidão das avós e consideram ser essencial ajudá-las e dar-lhes amor e que devem passar tempo de qualidade com as avós (Kientz, 1983).

Em continuação o estudo de Dias e Silva (2003), os netos referiram que os avós influenciavam a formação de carácter, serviam de apoio nas ocasiões mais difíceis, influenciavam as características pessoais e davam o exemplo da fidelidade conjugal.

Um estudo sobre netos que se encontram no final da adolescência demonstra a importância da análise da relação netos-avós enquanto análise da relação particular de cada neto com um avô/avó específico(a). Sublinha também o carácter indireto da relação que é mediada pela geração intermédia – a dos pais e são avaliadas também as relações dos avós que vivem com os netos, de forma a mostrar a importância que avô/avó assume (Matthews e Sprey, 1985). Os autores afirmam que as relações dos avós com os netos são particulares e não, não devendo ser analisadas globalmente. As relações dos pais com os seus progenitores, principalmente os da linha materna, afetam muito a probabilidade de um vínculo estreito se desenvolver (Matthews e Sprey, 1985).

Uma outra perspetiva onde é demonstrada a percepção de netos jovens adultos, uma idade mais avançada do que o estudo apresentado no anterior parágrafo, sobre a relação com os seus avós explorou 5 áreas: as atitudes e expectativas que os netos têm a respeito dos avós, as

percepções dos netos sobre o comportamento dos avós (apropriado e/ou esperado), a responsabilidade dos netos para com os avós, as percepções dos netos sobre o grau de influência dos pais nas relações com os avós e por fim, as concepções do avô ideal (Robertson, 1976). O estudo conclui que os netos vêem a gratificação emocional como um comportamento apropriado ou esperado dos avós, consideram que os avós não são demasiado antiquados e que uma criança sem avós teria algo em falta. Existe uma diferença entre o que os netos pensam e sentem sobre os avós e os comportamentos que os netos esperam destes. Os netos sentem responsabilidades para com os seus avós, no que diz respeito ao apoio emocional, ajuda palpável e visitas. Os avós são significativos para os netos e estes estão dispostos, sempre que necessário, a ajudar os avós, esta afirmação contraria a ideia de que os netos jovens são independentes e só pensam em si mesmos (Robertson, 1976).

Para terminar existe ainda um estudo onde foram envolvidos 130 estudantes no total, todavia nem todos respeitavam os critérios estabelecidos e só a 34 jovens é que foram selecionados para participar no estudo. As idades dos intervenientes estão compreendidas entre os 12 e os 18 anos, da região norte de Portugal. Para explicar os resultados do estudo foram estabelecidos perfis, estes dizem respeito ao papel dos avós na relação com os netos. Os perfis são: amigos, companheiros, cuidadores e colegas. Sendo que o primeiro perfil é o que demonstra uma relação mais próxima afetivamente entre avô e neto, no que diz respeito à dimensão solidária, são apresentadas as áreas afetivas, associativas e funcionais e apresenta influência em áreas distintas como o estilo de vida dos jovens e o fenómeno social contemporâneo. O segundo perfil apresenta mais influência na dimensão solidária, na parte normativa. O terceiro perfil na dimensão solidária é mais influente no campo afetivo e no campo funcional, no que diz respeito às áreas influentes são: o estilo de vida dos jovens, as atividades sociais e as rotinas diárias. E o último perfil na dimensão solidária tem predominância no campo afetivo e apresenta como áreas de influência os comportamentos dos amigos e a tecnologia (Delerue Matos e Neves, 2012).

Os estudos que incidem sobre os netos, para além de menos frequentes, têm a vantagem de permitir distinguir a relação com cada um dos avós. Estas pesquisas permitem um estudo aprofundado das interações netos-avós não possíveis nos estudos que não discriminam cada relação, procedendo a avaliação global das relações (Matthews e Sprey, 1985).

## **ii. Características gerais da relação netos-avós**

A relação neto-avós é uma relação de 1 para quatro uma vez que cada neto tem, por norma, quatro avós, podendo manter com cada um deles uma relação específica. Por seu turno, a relação avós-netos tem vários ângulos relacionais visto que cada avô/avó pode ter vários netos (Pires 2010). A verticalização das famílias, leva à menorização do número de netos, desta forma os avós têm a possibilidade de oferecer a cada neto uma atenção mais individualizada. No passado existiam menos avós para mais netos, devido ao número elevado de membros na família e à menor longevidade dos avós enquanto que, no presente, há mais avós para menos netos, o que leva a um aumento da importância das relações intergeracionais (Sousa, 2006).

As relações intergeracionais, mais concretamente, a relação dos avós com os netos têm merecido uma atenção crescente no conjunto de estudos sobre a família. Estas relações são marcos essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos pois a família, em conjunto com a escola, são os limites de relação na infância (Triadó, Martinez e Villar, 2000).

Tornar-se avô/avó leva a uma nova definição da sua posição no seio familiar, leva também ao desenvolvimento de uma relação com os netos, isto é uma nova experiência e ainda a alteração da representação dos filhos (Kipper e Lopes, 2006). Só após um nascimento ou da adoção de uma criança pelos descendentes é que se inicia o papel dos avós. Este passa a ser contínuo ao longo da vida oferecendo identidade e continuidade à história da família (Creasy, 1993).

É essencial estudar a interação dos avós com os netos, pois esta é uma das mais significativas da vida de uma pessoa e é a segunda mais importante na vida de uma criança, segundo a conclusão de um estudo realizado por Harwood (2004).

É inevitável, quando uma pessoa se torna adulto e tem filhos ter o sonho e começar a pensar em ser avô/avó, isto é como a realização de um desejo de continuidade, onde se inicia uma variedade de papéis e se começa a possuir uma oportunidade de interações significativas e novas (Sousa, Figueiredo e Cerqueira, 2004).

Um aspeto importante a realçar sobre a temática da interação dos avós com os netos é a necessidade de se criarem políticas públicas que apoiem o papel dos avós como cuidadores dos seus netos, em níveis não intensivos (Glasser, Gessa e Tinker, 2014). É fundamental um melhor reconhecimento do papel informal dos avós como cuidadores em diferentes domínios políticos, abrangendo pensões e reformas, creche, segurança social e habitação. Ao serem criadas políticas de apoio ao envelhecimento ativo verifica-se um reconhecimento do valor dos idosos na vida dos

seus netos, tanto em benefício das crianças como da sua família, mas também se verificam inúmeros benefícios para o bem-estar e saúde da pessoa idosa (Glaser, Gessa e Tinker, 2014).

### **iii. A interação avós e netos e suas determinantes**

Os estudos relacionados com a experiência de ser avô são recentes na investigação sobre a família pois esta experiência nunca teve o valor e a importância devida para os investigadores. Os estudos existentes têm em conta aspetos como a socialização e componentes de transmissão cultural e aspetos históricos que estão implícitos à intergeracionalidade (Pires, 2010).

A relação dos avós com os netos suscita inúmeras questões. Assim quando se pesquisa as razões pelas quais alguns avós se sentem mais envolvidos na vida de alguns netos do que na vida de outros compreende-se que estão relacionadas com diferentes atitudes e comportamentos dos avós mas também com os comportamentos dos netos e dos pais que medeiam as relações. Para que as relações sejam intensificadas devem ser incutidas novas formas de incentivo a interações mais frequentes e úteis entre os avós e os netos, com o objetivo de beneficiar as duas gerações (Mueller, Wilhelm e Elder, 2002).

Os avós têm um papel muito influente na vida dos seus netos e as perspetivas mais tradicionais enfatizam a importância dos avós como agentes de socialização dos netos (Denham e Smith, 1989; Mueller, Wilhelm e Elder, 2002; Neugarten e Weinstein, 1964).

Os avós têm um papel essencial na transmissão transgeracional da história e valores da família, pois esta é a forma de assegurar que a história passa de geração em geração (Sampaio, 2008).

Alguns fatores influenciam diretamente a relação dos avós com os netos, podendo melhorar ou interferir com a mesma. Entre esses fatores contam-se a idade, o estado de saúde dos membros da família, a personalidade, as condições económicas, a localidade onde habitam os netos, pais e avós, os valores e cultura das famílias e ainda as políticas sociais que podem influenciar o inter-relacionamento, o desempenho dos seus papéis e a ajuda entre as diversas gerações (Dutra, 2008).

Para Drew e Silverstein (2007), os fatores que influenciam a interação dos avós com os netos e a frequência de contacto entre as duas gerações são a relação que se estabelece entre os avós e os seus filhos e entre os avós e os cônjuges dos filhos, a distância geográfica de suas habitações, o género dos avós, o número e idade dos netos, o estado civil e a situação de emprego



dos avós e pais, os conflitos familiares e o estado de saúde e idade dos avós (Drew e Silverstein, 2007).

Um estudo longitudinal sobre as relações dos avós com os netos teve como objetivo compreender as alterações no bem-estar psicológico dos avós quando abandonam o contacto com os netos, por razões como divórcio ou separação, recolocação geográfica ou disputas familiares. Para perceber se existe alguma alteração e evolução de sintomas depressivos foram estudados avós que mantinham contacto com os netos e avós que perderam o contacto. Os resultados foram que os avós que apresentam mais sinais depressivos, à medida que vão envelhecendo, são os avós que perderam o contacto com os seus netos. Esta perda tem muitas consequências para a saúde mental e física dos avós e podem surgir também sintomas de luto, baixos níveis de satisfação, ansiedade, depressão e stress pós-traumático. Enquanto os avós que interagem com os seus netos apresentavam relações mutuamente satisfatórias e mais próximas emocionalmente (Drew e Silverstein, 2007).

Os netos e os avós desempenham um papel social essencial, na vida de cada geração e, por norma, verifica-se um aumento de socialização para além da proximidade de relacionamento e a frequência de contactos. Na relação entre os dois indivíduos avô/avó e neto(a), fatores como a idade, género, proximidade geográfica e educação não garantem, por si só, que um relacionamento seja bem-sucedido. Estes fatores promovem mais interação, mas não garantem a forma e significado do relacionamento (Elder e Mueller, 2003).

Um estudo que foi realizado no Brasil sobre o cuidado intergeracional com idosos que residem na Zona Norte do Município de Santa Maria concluiu que o relacionamento dos netos com os seus avós é uma oportunidade de crescimento para os avós e de aprendizagem que despoleta a construção de vínculos afetivos robustos (Flores, 2008).

Em suma, na relação dos avós com os netos, as vantagens são mútuas pois há muitos benefícios para a criança mas também muitos benefícios para os avós. Para os avós que se encontram em boas condições de saúde e já não exercem profissionalmente, ajudar os filhos e cuidar dos netos pode preencher um vazio menos ativo, contribuindo para a luta contra o declínio do envelhecimento (Sampaio, 2008).

A dimensão mais importante na interação dos avós com os netos é a afetiva, visto que esta relação é diferente de todas as outras e é única, pois vai se contruindo no dia-a-dia através de pequenas ações do quotidiano. Os avós demonstram um amor incondicional, uma continua disponibilidade e, mais importante, uma tranquilidade relacional sustentada na experiência

(Sampaio, 2008). Esta relação proporciona um meio de aprendizagem, compartilhamento e confidências, de uma forma descontraída e livre, em alguns casos até mais do que com os pais (Harwood, 2004).

A interação dos avós com os netos é considerada um espaço de encontro entre gerações e está designada por três eixos temporais que são o tempo familiar (as várias fases da vida da família), o tempo individual e o tempo social (história da comunidade e sociedade) (Sousa, 2006).

O contacto entre avós e netos é fundamental para a integração emocional do indivíduo em processo de envelhecimento, por isso esta relação é de grande importância (Lumby, 2010).

Foi realizado um projeto que teve como principal preocupação a promoção da saúde e bem-estar dos idosos, outros estudos afirmam que os avós fornecem apoio às famílias ao cuidar dos netos, no entanto não fica claro se a saúde e o bem-estar dos avós sofre alguma consequência por cuidarem dos netos (Glaser, Gessa e Tinker, 2014).

Podemos afirmar que cuidar dos netos pode tornar-se exigente, tanto a nível físico como emocional, todavia esta prestação de cuidados aos netos também tem os seus pontos positivos e gratificantes para os avós, pois podem desfrutar mais de perto da relação com os seus netos (Glaser et. al, 2014). Uma compreensão nova e robusta em relação ao impacto na saúde dos avós que cuidam dos netos fornecerá evidências importantes para que se criem novas medidas políticas, que garantam o papel dos avós na vida das crianças. Estas questões são essenciais para áreas como a saúde, emprego, pensões, assistência à infância, habitação e políticas de bem-estar social (Glaser et. al, 2014). Se estas políticas públicas forem criadas terão inúmeras vantagens para os avós, para que eles tenham mais condições para se disponibilizarem a cuidar dos netos e tenham também mais condições para a sua saúde.

Quando uma pessoa se torna avô/avó verifica-se uma transformação na perspetiva pessoal, tanto na idade como no tempo, todas estas mudanças podem ajudar no processo de envelhecimento e ajudar os avós a sentirem-se mais jovens, pois têm convivência com uma geração mais nova, a das crianças (Attias-Dufont, 2001).

Uhlenberg e Hammill (1998) apresentam dados muito interessantes sobre a frequência de contacto e apontam 6 fatores que podem afetar o contacto entre avós e netos: a distância geográfica (fator com fortes consequências para a frequência de contacto), a qualidade da relação entre o avô/avó e os seus filhos, o número de netos (influencia a frequência de contacto com os netos, quanto maior o número de netos, menor a frequência de contacto com cada um), o género (é um fator relevante sendo mais provável o contacto frequente por parte das avós), a linha

materna/paterna (os avós maternos têm contacto frequente com os netos, enquanto os paternos não), o estado civil (tem um efeito significativo na frequência de contacto pois os avós casados são os que mantêm mais contacto com os netos e os divorciados apresentam menos) (Uhlenberg e Hammill, 1998).

Os avós são considerados uma influência na socialização dos netos e Amstrong (2005) apresenta perspetivas interessantes sobre a forte influência que os netos têm sobre a socialização dos seus avós, considerando que os netos podem auxiliar no uso das novas tecnologias, algo que é novo, diferente e por vezes considerado complicado para os avós, mas que é importante eles aprenderem para se sentirem integrados nos tempos de hoje. Os netos também têm muita influência no suporte social pois auxiliam nas tarefas domésticas, fazem companhia, acompanham nos passeios, preocupam-se com a saúde e a alimentação dos avós. Estes mencionam que os netos lhes oferecem tanto quanto eles lhes dão (Amstrong, 2005).

Todavia os avós também têm um papel muito ativo na socialização das crianças e também na prestação de cuidados e verifica-se um acréscimo desse papel ao longo das transformações económicas e sociais da família (Pires, 2010).

Por seu turno, a convivência dos avós com os netos é uma oportunidade para os netos de desenvolverem comportamentos positivos em relação ao envelhecimento e à velhice, Mas pode acontecer o inverso caso a relação seja de conflito ou desentendimento; os netos podem ficar com uma imagem negativa da velhice (Sousa, 2006). É pois essencial fomentar uma boa relação entre avós e netos, de forma a não gerar nenhum conflito entre os dois, pois este pode ter consequências futuras para a criança que pode ficar com uma imagem negativa do papel de avô.

Pesquisas demonstram que os avós são o elemento-chave para a socialização dos netos, através da transmissão de valores (Delerue Matos & Neves, 2012). A socialização não se limita à infância mas ocorre ao longo da vida e a influência entre avós e netos é mútua (Delerue Matos & Neves, 2012)). Todo o ser humano necessita de se socializar e as crianças sendo ainda muito ingênuas na área das interações podem utilizar os avós como guias e transmissores de conhecimento para encararem as relações de forma mais positiva e com menos conflitos.

Os avós que estão mais presentes e são mais ativos providenciam ou intensificam alguns valores que por vezes são visíveis para os jovens atuais, como a frontalidade, sinceridade, respeito pela diferença e o combate às formas de discriminação, o amor sem calculismo, a liberdade de expressão e ainda a relevância da intervenção social (Sampaio, 2008).

Os avós para os mais novos são como uma fonte familiar que une o passado, o presente e o futuro, presenteando com uma visão do futuro, ajudando no desenvolvimento do ego e ainda proporcionando sentido de segurança. Os avós tal como acima mencionado estão num lugar privilegiado pois oferecem aos netos um amor integral que os pais, devido às enormes responsabilidades, não lhes podem proporcionar (Bernal e Anuncibay, 2008). Estas afirmações demonstram que os avós têm um papel vincado e com características específicas para as crianças e que estas vêem os avós como pessoas com conhecimento e que são importantes para as suas vidas.

Um estudo sobre a relação dos avós com os netos demonstrou que o significado dos avós para os netos prende-se no respeito, experiência de vida e sabedoria. Também foram estudadas quais as atividades realizadas entre avós e netos, em que as netas referiram que as atividades que mais realizam com os avós é conversar, enquanto os netos referiram visitar (Dias e Silva, 2003).

#### **iv. O papel dos pais na relação avós e netos**

A ligação entre os avós e netos traz resultados para os relacionamentos familiares a longo prazo (Beland e Mills, 2001). Quando os avós têm uma boa relação com os seus filhos e companheiros dos mesmos, a interação dos avós com os netos tem muito mais qualidade pois os pais incentivam e preocupam-se que esta relação seja frequente e com vantagens para todos.

Um estudo realizado a avós concluiu que estas acreditam que o amor incondicional, o apoio aos netos e os mimos são fundamentais na relação entre avó e neto. Por norma a transmissão geracional está interligada ao comunicar, educar e ensinar e a importância do papel dos avós na vida dos netos e dos pais é reconhecida, no que diz respeito à ajuda financeira, favorecimento parental, aconselhamento e instrumental (Dutra, 2008).

Em caso de divórcio dos pais, os avós têm um papel essencial, pois são quem assumem o maior suporte aos netos mas não são os avós das duas linhagens. Por norma, são as avós maternas quando o poder maternal é confiado à mãe (Tur e Olivares, 2005).

Todos estes fatores influenciam muito a interação dos avós com os netos, no entanto existem outros fatores que também são essenciais como outros relacionamentos familiares, nomeadamente dos avós com os seus filhos, neste caso os pais das crianças e com os seus próprios pais e avós. Demonstram assim que para existir um bom relacionamento entre os

familiares deve existir sempre união e nunca transformar a relação num facto isolado ou individualizado (Elder e Mueller, 2003).

Quando os avós têm uma boa relação com os seus filhos adultos e com os cônjuges dos mesmos, existe uma maior probabilidade da relação com os seus netos ser mais gratificante (Cardoso, 2010).

Nas discussões da temática da parentalidade, os avós ficam por vezes esquecidos, pois são considerados como ultrapassados, doentes e reformados (Sampaio, 2008). Por vezes, até são apresentados como dispensáveis para a família ou até expostos como alguém que deseduca, pois satisfaz todas as vontades aos netos. Todavia, os pais cada vez mais recorrem aos avós, para obterem suporte afetivo, para ajuda financeira em variadíssimas situações do quotidiano familiar, como por exemplo quando os pais querem sair são os avós que ficam a tomar conta dos netos (Sampaio, 2008). Posto isto, fica-se a compreender a importância de começar a dar a devida importância ao papel que os avós representam na vida familiar.

#### **v. As percepções dos netos sobre os avós**

É essencial compreender a perspetiva dos avós sobre a sua interação com os netos, mas não se pode descartar a opinião dos netos sobre a mesma pois as conclusões e perspetivas são diferentes.

Os netos têm muito para ensinar aos seus avós e esta relação apresenta muitas vantagens para ambos pois verifica-se uma aprendizagem mútua. Os avós devem descobrir novas coisas com os netos e não se prenderem só ao que viveram e aprenderem, devem preocupar-se em compreender perspetivas diferentes das que estão habituados (Pires, 2010).

Os netos consideram que conseguem viver com os seus avós uma relação educativa e afetiva, mas diferente das dos progenitores, visto que os avós têm mais tempo para passear e brincar, ao contrário dos pais que têm menos tempo, pois têm que trabalhar e chegam a casa chateados e cansados (Pires, 2010). E ainda os netos afirmam que os avós são pessoas com muita criatividade e imaginação, por causa da sua maturidade, disponibilidade e experiência de vida (Sousa 2006).

Nos tempos de hoje a relação dos avós com os netos tem cada vez mais relevância, os netos consideram que os avós são uma oportunidade de ter uma relação educativa e afetiva que

é diferente da relação que mantêm com os pais, visto os avós estarem mais disponíveis e numa fase de vida diferente (Pires 2010).

As novas tecnologias algo muito presente nos dias de hoje são vistas como ameaças para a socialização dos netos, pois os netos despendem muito tempo na utilização das mesmas. Todavia, bem utilizadas até podem ser um ponto de partilha entre avô e neto, pois para os netos são aparelhos banais, mas para os avós são algo novo à qual estão pouco habituados, desta forma pode haver aqui uma partilha e troca de experiências, onde os avós podem vigiar e os netos podem ensinar algo novo (Sampaio, 2008).

As gerações que cuidam de pessoas idosas têm a oportunidade de compreender a responsabilização associada ao cuidado e o envelhecimento da população, desta forma percebem que é necessário serem desenvolvidas ações intergeracionais com cuidadores formais e informais (Flores, 2008). Assim, se as crianças desde cedo cuidarem e interagirem com os avós ficam mais sensibilizadas para as questões do envelhecimento e podem um dia mais tarde contestar para serem criadas mais políticas públicas que favoreçam os avós.

## **II - Metodologia**

Para compreender de forma aprofundada a relação dos netos com os avós optei por uma metodologia de cariz qualitativo, assente em entrevistas semi-estruturadas e na análise de conteúdo temática dessas entrevistas.

A opção por este tipo de metodologia justifica-se pelo facto do fenómeno a estudar, ou seja, as relações avós-netos, ter um carácter multidimensional que só pode ser apreendido através dos significados atribuídos a uma experiência vivida, num determinado contexto (André M., 1983). Por outro lado, a temática deste estudo não se encontra ainda suficientemente explorada, o que afasta a opção por metodologias de cariz quantitativo que pressupõem um conhecimento mais substantivo da realidade.

Como referido, a técnica de recolha da informação escolhida foi a entrevista semi-estruturada. Segundo Haguette (1997), a entrevista envolve duas pessoas numa interação social, onde uma delas, neste caso o entrevistador, tem como finalidade obter informações da outra pessoa, o entrevistado. Assim, optei pela entrevista visto ser uma das melhores técnicas de recolha da informação quando se pretende compreender e explorar as atitudes e pontos de vistas do entrevistado.

Esta técnica acarreta a construção de um guião que irá orientar a entrevista, onde estão listados os temas a explorar. Este guião serve de orientação para o entrevistador, pois o principal objetivo é dar espaço ao entrevistado para expressar o seu pensamento, atitudes, opiniões e experiências, com a mínima intervenção possível do investigador. Pretende-se que seja uma conversa informal e fluída (Guerra, 2006).

A análise conteúdo incide sobre a forma verbal da comunicação mas também sobre a forma não-verbal. Com efeito, por vezes, as palavras ganham outro sentido quando se analisa também o comportamento e as expressões não-verbais do indivíduo e consegue-se assim uma análise mais correta e mais profunda do discurso.

### **a) A “amostra”**

A “amostra” selecionada para este estudo não é probabilística. Ao invés, optei por uma “amostra” de conveniência, constituída por crianças dos 10 aos 12 anos. Para integrarem o painel de entrevistados, as crianças tinham ainda de ter pelo menos um avô vivo, uma vez que pretendo

compreender a relação que estabelecem com os seus avós. A escolha da população-alvo, as crianças dos 10 aos 12 anos, deve-se à maior facilidade de acesso da investigadora a estas crianças. O segundo critério utilizado foi que a idade das crianças alvo deste estudo teve por base o facto de se encontrarem numa fase de transição, esta está relacionada com o início da adolescência, isto é a transição da fase da infância para a fase adulta levando a um estado de desequilíbrio, onde a criança sofre mudanças psicológicas e físicas e passam a ser mais individuais e a não dar tanto valor à família. Existem também muitos poucos estudos sobre a temática em causa para populações com as idades referidas.

As crianças foram selecionadas através de familiares e da população da mesma área de residência da investigadora e ainda através das crianças entrevistadas, ou seja, recorrendo-se à técnica da “bola de neve”. Num primeiro tempo, recorri às crianças que estavam mais próximo de mim, isto é crianças que têm comigo laços familiares. De seguida, questioneei os entrevistados sobre as suas relações sociais, solicitando que me indicassem outras crianças que pudessem ser entrevistadas também. Desta forma, consegui realizar as primeiras entrevistas mas, como o seu número era ainda reduzido, tive de modificar a minha estratégia e procurar novos entrevistados num local onde houvesse muitas crianças com as idades indicadas. Solicitei então a colaboração das catequistas do 5º e 6º ano. O meu pedido foi aceite e, visto que ia lidar com crianças, entreguei uma declaração de consentimento informado aos pais e às crianças, solicitando a sua assinatura, caso aceitassem participar no estudo. Este procedimento visa garantir a participação livre e consentida de todos os entrevistados e todas as entrevistas foram realizadas pela investigadora, gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. De forma, a garantir a confidencialidade e anonimato, optei por numerar e identificar através dessa numeração cada uma das entrevistas.

As entrevistas às crianças foram realizadas nas residências das mesmas e ainda nas salas de aula da catequese, no Centro Paroquial de Selho S. Jorge.

Na realização das entrevistas, a grande maioria das crianças não demonstrou nenhuma apreensão relativamente à resposta às perguntas mas, alguns entrevistados, estiveram mais à vontade para falar do que outros. Todas as perguntas foram formuladas de forma simples para melhor compreensão dos entrevistados. Não ofereceram dificuldades de interpretação aos participantes.

Para os estudos de natureza qualitativa, a palavra amostragem não tem sentido visto que não se procura a representatividade estatística, mas sim a representatividade social (Guerra, 2006). Desta forma, é essencial ter em conta a diversidade da população-alvo do estudo.



Guerra (2006: 40) refere que “a diversidade relaciona-se com a garantia de que a utilização das entrevistas se faz tendo em conta a heterogeneidade dos sujeitos (ou fenómenos) que estamos a estudar.” Como referido procura-se a heterogeneidade e nunca a homogeneidade.

O critério de saturação dos resultados dita o momento de conclusão da recolha de dados. Ainda segundo Guerra (2006), após a saturação dos resultados, nada se ganha em prosseguir a recolha uma vez que novos dados não acrescentam nada de novo ao estudo. Foi o que procuramos neste trabalho ainda que se reconheça que há alguma homogeneidade social do grupo entrevistado visto que a maioria das crianças frequenta a catequese de uma paróquia.

### **b) A população-alvo**

O grupo de participantes selecionados para o estudo é constituído por 37 crianças, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, de ambos os sexos e residentes nos arredores da cidade de Guimarães, concelho de Braga. Mais concretamente, residem nas freguesias de Selho S. Jorge, Serzedelo, São Cristóvão de Selho, São Martinho de Candoso, Gondar, Costa e Guardizela, com a exceção de uma das crianças que residem em Oliveira Santa Maria, concelho de Famalicão.

### **c) As entrevistas**

Todas as entrevistas foram iniciadas com a apresentação do entrevistador, os objetivos da investigação e com o pedido de autorização da gravação da entrevista em suporte áudio. De forma a criar um clima de confiança e deixar o entrevistado mais à vontade, garanti o anonimato de toda a informação fornecida e realcei a importância da criança ser um informador privilegiado.

Durante as entrevistas, foram adotadas todas as regras deontológicas, nomeadamente, a adoção de posição neutra do investigador, tanto quanto possível, a ausência de juízos de valor e de avaliações, a demonstração de uma postura de escuta ativa e atenta e, o não condicionamento das respostas do entrevistado. Estes aspetos garantem o sucesso da entrevista.

A importância da adequação da linguagem verbal ao público-alvo também foi tida em conta, de forma a ir de encontro à capacidade e idade de cada entrevistado.

Para a compreensão da linguagem verbal do entrevistado é necessário que o entrevistador tenha uma boa capacidade de observação. Este tipo de linguagem está relacionada com sinais como o tom de voz, o nervosismo, o embaraço, etc. que fornecem informações que podem ser cruciais para a compreensão de alguns aspetos na resposta verbal do entrevistado. Nas entrevistas

que realizei algumas crianças mostraram impaciência e nervosismo, penso que devido ao facto da maior parte nunca ter tido contacto com nenhuma situação deste género, o que levou a que se mostrassem ansiosos. Para amenizar estas reações tentei criar um clima descontraído, antes e durante a entrevista.

No final, de todas as entrevistas agradei a disponibilidade dos entrevistados e procedi à transcrição, na íntegra, de todas as entrevistas.

#### **d) A análise de conteúdo**

A análise de conteúdo “deveria ser aplicável – com maior ou menor facilidade, é certo – a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte (...)” (Bardin, 1977 p. 29). São apresentadas duas funções para a análise de conteúdo “Uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta” e ainda a “função de «administração da prova». Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação.” (Bardin, 1997 p. 30). A análise de conteúdo é pois uma técnica de pesquisa sistemática com o objetivo de interpretar os enunciados.

Vala (1986) apresenta três dimensões para a análise de dados: a análise avaliativa, a análise estrutural e a análise de ocorrências. No nosso estudo não considerámos pertinente a contabilização da informação, isto é, o registo do número de vezes que o entrevistado menciona um assunto. O que considerámos importante foi perceber e avaliar as perceções do entrevistado quando questionado sobre a realidade em estudo. Desta forma, optei pela análise estrutural e avaliativa (Vala, 1986).

A análise de conteúdo pressupõe várias fases. Na fase que se designa de “pré-análise” procede-se à escolha dos documentos, que se devem adequar como fonte de investigação aos objetivos propostos na pesquisa. Depois de definido o corpus de documentos, procede-se à exploração do material, isto é a transcrição das entrevistas realizadas. De seguida, realiza-se a decomposição do texto, onde se determina as categorias mais importantes e se determina as unidades de análise. Mais especificamente, distribui-se os excertos das entrevistas pelas diversas categorias ou dimensões que são utilizadas na matriz de análise de conteúdo e procede-se ao tratamento dos resultados (Almeida e Pinto, 1982).

Segundo Vala (1986) existem algumas operações que estão ligadas à análise de conteúdo e que é necessário ter em conta. São elas a determinação dos objetivos e a explicitação da base teórica que sustenta a pesquisa, a estrutura de um corpus, a delimitação de categorias, a definição de unidades de análise e, por fim, a interpretação/quantificação.

Uma vez que os objetivos e o enquadramento teórico da pesquisa foram desenvolvidos em capítulos anteriores desta dissertação, vou passar a apresentar a categorização realizada. Esta apresenta o texto completo de uma forma mais simples, onde é possível identificar e codificar os conteúdos e características do texto.

Caracterização dos avós do entrevistado:

- Caracterização e identificação dos avós;
- Distância a que vivem os avós dos netos;

Interação dos netos com os seus avós:

- Conhecimento do tempo que os avós e netos dispõem juntos;
- Compreensão da forma como aproveitam o tempo juntos;

Relação avós, pais e netos:

- Compreensão do papel que os pais representam na relação dos netos com os avós;

Caracterização geral do entrevistado:

- Identificação da idade, género e residência do entrevistado;

A análise que escolhi para o estudo é a avaliativa e estrutural e tenho como objetivo compreender os significados atribuídos pelo entrevistado, no que diz respeito à forma como encaram uma determinada realidade e as atitudes face a essa mesma realidade. Desse modo, terei apenas em conta as unidades de registo e contexto no corpus.

### **e) As categorias de análise**

Na análise do corpus das entrevistas tive em conta 4 categorias e respetivas subcategorias:

- Caracterização dos avós do entrevistado: com esta categoria pretendo conhecer melhor os avós, identifica-los e saber qual a distância geográfica da residência dos avós e dos netos. Esta categoria é essencial para se apurar o número de avós vivos e se existe algum de quem os netos se sintam mais próximos emocionalmente. Como o principal objetivo é compreender a interação

dos avós com os netos, estes aspetos são essenciais pois permitem adequar o guião de entrevista à situação de cada criança. Conhecer qual o avô/avó mais próximo emocionalmente leva a questionar a criança sobre a razão dessa escolha de modo a compreender, nomeadamente, a influência que os pais têm na relação. A distância geográfica entre residências é um fator que é considerado determinar a frequência dos contactos. Procurámos perceber se se confirma esta associação e se este é um fator positivo ou negativo, ou simplesmente não tem influência nas relações observadas.

- Interação dos netos com os seus avós: com esta categoria pretendo identificar o tempo que os avós e os netos despendem juntos, para compreender a qualidade da interação dos avós com os netos. Desta forma, é avaliada a frequência de contacto de forma presencial e por telefone, em que cada neto revela o contacto que mantém com os avós. Desta forma consigo perceber se os avós e netos passam ou não muito tempo juntos. Depois de compreender este aspeto é essencial perceber a forma como aproveitam o tempo e o grau de qualidade da mesma, pois não é por passarem muito tempo juntos que é tempo de qualidade e também se verifica o contrário, não é por passarem pouco tempo juntos que o tempo não é aproveitado com qualidade. Ainda se questionaram as crianças sobre a importância e a representação que têm sobre os seus avós.

- Relação avós, pais e netos: com esta categoria pretendo compreender a influência que os pais têm na interação dos avós com os netos. Desta forma, percebo se os pais têm ou não boa relação com os seus pais na perspetiva dos netos, se os pais incentivam os seus filhos a estarem com os avós, se se preocupam com esta relação e se os avós também conversam sobre os seus filhos com os netos. São aspetos essenciais porque podem influenciar positiva ou negativamente a interação dos avós com os netos.

Caracterização geral do entrevistado: nesta última categoria tive em conta as seguintes variáveis: Idade, género e residência do entrevistado. Estas variáveis são imprescindíveis para compreender se têm alguma influência na interação dos avós com os netos e podem ser utilizadas para explicar as variações de respostas.

## **f) As unidades de análise**

No que diz respeito às unidades de análise, Vala (1986) apresenta 3 tipos de unidades: a unidade de registo, a de contexto e ainda a de enumeração. A unidade de registo caracteriza-se por “o segmento determinado de conteúdo que se caracteriza colocando-o numa dada categoria.” (Vala, 1986, p. 114). Para este estudo, a unidade de registo mais adequada para o objetivo da

minha pesquisa é o tema e como unidade de contexto é o parágrafo. Quanto à unidade de enumeração considero relevante ter em conta a ausência ou presença de uma determinada característica, pois não é relevante para o estudo enumerar o número de vezes que o entrevistado mencionou um assunto.

### **g) As limitações do método**

Todos os métodos e técnicas têm as suas vantagens e desvantagens. Uma das limitações dos métodos e técnicas utilizadas está relacionada com as questões colocadas aos entrevistados que podem ser pobres e até limitadas, pois o entrevistador pode não conseguir que o entrevistado aponte aspetos que são essenciais para o projeto de investigação. Por isso, é fundamental que o entrevistador antes de iniciar as entrevistas tenha o cuidado de testar e confirmar se as questões que constam no guião conseguem medir aquilo que se pretende através de entrevistas exploratórias para verificar a fiabilidade do guião e só depois avançar para o terreno. No decorrer das entrevistas se considerar necessário deve acrescentar alguma questão ao guião que o complemente e, posteriormente, deve inseri-la no guião, de forma a auxiliar a concretização do seu objetivo.

Outra limitação é a distância cultural entre o entrevistador e o entrevistado. Para amenizar este problema o entrevistador deve utilizar uma linguagem clara, de forma a aproximar-se o máximo possível do universo cultural do entrevistado.

A reflexividade e o enviesamento das respostas pode ser outro dos entraves à obtenção de dados fiáveis e precisos, visto que o entrevistado pode responder consoante aquilo que para ele é politicamente correto ou responder de acordo com o que considera que o entrevistador pretende. Todo o ser humano tem tendência para fazer juízos de valor e para aferir as palavras de acordo com a imagem da pessoa que se está a pronunciar (Ruquoy, 1997). Para que tal não aconteça o investigador tem que adotar uma postura aberta a todas as opiniões, neutra, sem dar sugestões e sem avaliar o que o entrevistado diz, mas ao mesmo tempo não pode mostrar indiferença pelo que é dito. É essencial o entrevistado ser informado dos objetivos do estudo, solicitar a este a maior sinceridade possível e apelar ao entrevistado para que se pronuncie sobre o tema em estudo e reflita sobre o mesmo.

O entrevistador, na realização de entrevistas, tem que ter a capacidade de se abstrair das suas próprias convicções, exigindo uma boa preparação, pois para além das palavras este deve ser capaz de interpretar e perceber as expressões do entrevistado e sinais de embaraço. Quando

o entrevistado tem momentos de silêncio, o entrevistador tem que dar espaço para que o entrevistado organize o seu pensamento, intervindo apenas quando se verifica um desvio sobre o tema central e nunca deve induzir as respostas do entrevistado.

Quando se realiza uma entrevista, o principal objetivo não é avaliar e analisar as expressões ou postura dos entrevistados, mas é essencial ter isto em conta na análise de conteúdo dos discursos, pois muitas vezes as palavras quando acompanhadas por gestos ou entoações diferentes podem ter significados divergentes. A análise das palavras por si só não permite a demonstração do conteúdo subjacente ao discurso, daí a necessidade de não excluir por completo a análise dos elementos não-verbais.

Outra limitação são os custos e o dispêndio de tempo. Todavia, apesar de todas estas limitações optou-se pela realização de entrevistas e análise de conteúdo das mesmas por se considerar ser o método foi o mais adequado de alcançar o objetivo proposto pois todos estes entraves podem ser ultrapassados, em certa medida, pelo entrevistador.

### **III - Apresentação e discussão dos resultados empíricos**

#### **a) Caracterização dos avós e da interação netos-avós**

##### **i. Caracterização dos avós**

As entrevistas iniciaram-se sobre a caracterização dos avós do entrevistado. Assim, pedi aos entrevistados para mencionarem o número de avós que tinham ainda vivos, diferenciando os maternos dos paternos. Pedi também para me dizerem quantos netos é que os seus avós tinham, diferenciando, da mesma forma, os maternos dos paternos e para me indicarem a sua posição como neto (mais novo, do meio, ou mais velho), tanto para os avós maternos como para os paternos. O objetivo destas questões era caracterizar, de forma mais clara, tanto os avós como o entrevistado de modo a compreender melhor os discursos.

Para Drew e Silverstein (2007) são vários os fatores que influenciam a relação dos netos com os avós. Contam-se a frequência de contacto, a distância geográfica entre as residências dos avós e dos netos, o género dos avós, o número e idade de netos, o estado civil e a situação de emprego dos avós e pais, a existência ou ausência de conflitos familiares e ainda o estado de saúde e idade dos avós. Todos estes aspetos serão apresentados de seguida pois foram questionados na entrevista realizada às crianças.

A maioria dos entrevistados tem ainda 3 avós vivos. Em geral, trata-se de avós maternos. Depois do grupo de crianças que conta com 3 avós vivos, segue-se o grupo que tem os 4 avós vivos. Apenas 1 entrevistado só tem 1 avô vivo. Dispomos pois uma grande quantidade de informação para analisar a interação dos netos com os avós.

A maior parte dos avós tem mais de 10 netos mas, com menos de 10 netos, o número de avós também é significativo.

No que diz respeito à posição do neto no conjunto de netos dos avós maternos, pode afirmar-se que, a grande maioria das crianças são netos que não ocupam nem o lugar do primeiro neto nem do neto mais novo. Poucos são os entrevistados que ocupam as posições extremas (mais velho e mais novo) no conjunto dos netos, como era expectável visto que as posições intermédias podem ser ocupadas por netos de inúmeras ordens, ao contrário das posições extremas que só podem ser ocupadas pelo neto mais velho e pelo mais novo. A situação é idêntica no que diz respeito aos avós paternos em que predominam também os netos com idades

intermediárias no conjunto dos netos mas o grupo dos que são os netos mais velhos iguala o dos netos mais novos.

Interroguei também as crianças sobre o avô/avó de que se sente mais próximo em termos afetivos, se de avô/avó materno(a) ou paterno(a) e sobre a forma como avalia o que sente por esse avô/avó, numa escala de 0 a 10, em que 0 é nada próximo emocionalmente e 10 é extremamente próximo emocionalmente. Finalmente, questionei as crianças sobre a razão de terem indicado o avô/avó como aquele de que se sentem mais próximos afetivamente. O objetivo destas questões era compreender se as crianças têm preferência por algum dos avós, o que sentem em termos de afetividade pelos avós e, se escolheram algum avô/avó como aquele de quem se sentem mais próximos, quais as razões desse sentimento.

Relativamente às respostas dos entrevistados sobre o avô/avó de que se sentem mais próximos, a maioria das crianças respondeu que se sentiam mais próximos dos dois avós maternos ou da avó materna. Estudos referem que a linhagem materna e paterna tem influência na relação dos avós com os netos, pois os avós maternos têm contacto mais frequente com os netos do que os paternos (Uhlenberg e Hammill, 1998). Quatro entrevistados responderam que se sentiam muito próximos dos 4 avós.

No que se refere a “Quão próximos em termos afetivos estão dos avós?”, a grande maioria mencionou que se sente muito próximos, atribuindo o valor 10 à relação. De seguida, a classificação da relação de proximidade mais frequente é de 9 pontos, o que demonstra que quase todas as crianças se sentem extremamente próximas afetivamente dos avós. Em relação aos valores mais baixos atribuídos pelos entrevistados, posso acrescentar que nenhum entrevistado atribuiu valores abaixo de 5 pontos. Só dois entrevistados classificaram com 5 e 6 pontos a sua relação afetiva com os avós.

As razões para a escolha dos avós como avós mais próximos são, em primeiro lugar, o passar mais tempo com esses avós pelo que se pode concluir daqui que as crianças atribuíram o estar mais próximo a estar mais tempo com os avós. Fica aqui um pequeno excerto a comprovar esta resposta “Porque estou mais vezes com eles” (Alexandra), outro bom exemplo é “Porque vivo e convivo com eles, com ela todos os dias e porque ela gosta muito de mim” (Diana) e por fim, “Foram os que me criaram, sempre estive mais tempo com eles, do que com a minha outra avó” (Margarida). Outras razões mencionadas pelas crianças foram o conversar/desabafar, o brincar e ainda a proteção dos avós. Fica aqui um pequeno exemplo de um excerto de uma criança sobre estes aspetos referidos acima “Porque estou mais tempo com eles e porque quando estou com



eles brinco quase sempre, principalmente com o meu avô, sinto-me bem com eles, eles são muito meus amigos e é tudo” (Filipe), outro bom exemplo é “Porque quando preciso de ajuda e preciso de desabafar ela está sempre pronta para me ouvir e para me ajudar” (Bárbara) e para finalizar apresento outro pequeno excerto “Bem porque a minha avó vem no sábado tratar de mim e faz-me o comer e dá-me muito amor, não é?” (Joaquim).

Procedeu-se de seguida ao levantamento das características do avô/avó considerados mais próximos. Procurou-se saber a idade, o nível de escolaridade, a profissão que exerceu, a profissão atual e, por fim, o estado de saúde atual desse avô/avó. O objetivo era conhecer melhor os avós escolhidos pelas crianças. As idades mais referidas nas respostas dos entrevistados são 60 a 80 anos. No que se refere ao nível de escolaridade a grande maioria desses avós tem o 4º ano de escolaridade, o que é uma situação esperada na geração em causa. Atualmente, a grande maioria destes avós encontra-se reformada. O seu estado de saúde também é avaliado como bom, referindo as crianças que os avós têm os problemas de saúde que são normais para a idade e que não são graves.

Quanto à distância aproximada a que esses avós de que as crianças se sentem mais próximas vivem, a frequência de contacto com esses avós (por telefone e internet) e ainda a frequência do contacto presencial foi possível apurar que, a grande maioria das crianças vive muito próximo geograficamente dos avós de que se sentem mais próximos afetivamente, ou seja, partilham a mesma residência ou vivem a menos de 500 metros de distância. Existem ainda algumas crianças (10 crianças) que vivem a uma distância dos avós de 3 a 6 quilómetros e, por fim, aquelas que vivem de 500 metros a 2 quilómetros de casa dos avós mais próximos afetivamente (6 crianças). Estes resultados demonstram que os avós que são considerados mais próximos afetivamente são também aqueles que vivem mais próximo dos netos, em termos geográficos. Parece pois poder concluir-se a existência de associação entre proximidade física e proximidade afetiva.

Em relação ao contacto por telefone ou internet com os avós, dado que a grande maioria das crianças vive muito próximo dos avós, poucas são as que falam com os avós através desta tecnologia. A grande maioria das crianças não fala ou fala apenas uma vez por semana com os avós, por telefone. O contacto pela internet não foi mencionado por nenhum entrevistado.

Quanto ao contacto presencial das crianças com os avós, estas dividiram-se entre as 2/3 vezes por semana e todos os dias. O que os netos referiam era que, como tinham a escola e

outras atividades extracurriculares não conseguiram passar muito tempo com os avós mas que, nas férias, estavam todos os dias com eles.

Procurei apreender também a frequência de contacto com os outros avós, ou seja, com aqueles que não classificaram como os mais próximos afetivamente. Os resultados obtidos são divergentes dos obtidos relativamente aos avós mais próximos afetivamente. Em relação ao contacto por telefone, a grande maioria disse que não os contactava embora um número significativo afirmasse falar com esses avós através do telefone. As crianças referiram que estavam com esses avós, presencialmente, de 1 a 3 vezes por semana mas alguns mencionaram estar apenas uma vez por mês e até apenas uma vez por ano. De realçar a resposta de uma criança que me disse que não está com estes avós porque os seus pais estão zangados com eles. Esta situação explica o facto de nunca os ver e de apenas falar com eles pelo telefone em datas de festa como sejam o Natal e a data de aniversário.

## **ii. Caracterização da interação netos-avós**

O mais importante grupo de questões do guião diz respeito à interação dos netos com os avós. Pretende-se saber o que as crianças costumam fazer com os avós, se se sentem à vontade para falar de assuntos que consideram importantes e de que tipo de assuntos falam ou não falam, se aprendem com os avós e, no caso afirmativo, o que aprendem. Pergunta-se também se acham que os avós aprendem alguma coisa com os entrevistados. Questiona-se ainda qual a importância que as crianças atribuem ao facto de estarem com os seus avós (numa escala de 0 a 10) e, por fim, o que representam os avós para eles. Todas as questões incidem quer sobre os avós mais próximos afetivamente, quer sobre os outros.

Desta forma, para a primeira questão, ou seja, o que fazem com os avós, agrupámos as respostas em três categorias: atividades centradas na criança; atividades centradas nos avós e atividades centradas em ambos (avós e crianças). Mais especificamente, as atividades centradas nas crianças beneficiam sobretudo estas últimas. Trata-se de atividades como realizar os trabalhos de casa, jogar futebol e às cartas, brincar, receber rebuçados e ser cuidado. As atividades centradas nos avós são vantajosas para estes últimos, essencialmente. São exemplos destas atividades, o cozinhar, fazer bordados, ajudar na limpeza da casa, agricultura e plantações e ainda divertir os avós. As atividades centradas em ambos acarretam benefícios para os avós e as crianças. Conversar, passear e festejar datas ou acontecimentos específicos, são exemplos desta última categoria de atividades.

No que diz respeito aos avós mais próximos, as respostas obtidas à questão sobre as atividades desenvolvidas apontam sobretudo para as atividades que se centram nos avós e netos, simultaneamente. Para exemplificar esta afirmação apresento este excerto “Passo a tarde com eles, às vezes saio com a minha avó, às vezes estou com o meu avô sentada no sofá a ver televisão, vou com eles ao café, faço várias coisas” (Cláudia), outro exemplo é “Falo, faço coisas com ela e ensino ela, que ela não sabe escrever nem ler e eu ensino-a a fazer isso, depois ensino-a a estudar para lembrar mais um bocadinho para não estar...” (Bruna) e ainda “Os avós, com a minha avó costumo cozinhar e com o meu avô às vezes vejo os animais que eles têm, os patinhos, as galinhas, os coelhos e costumo também fazer agricultura com a minha avó e com o meu avô” (Beatriz).

No que diz respeito aos outros avós, também as atividades com benefício para ambos foram as mais mencionadas para exemplificar estas respostas apresento os seguintes excertos: “Brinco, o meu avô leva-me ao monte à lenha, leva-me à escola de hipismo para ver os cavalos, vou andar de bicicleta, jogo à bola, vou ao padeiro, ando na bicicleta grande do meu avô e ajudo na oficina, jogo voleibol, temos piscina” (António) e “Vamos ao café, vamos brincar, vamos passear, vamo-nos divertir, jogamos às cartas, jogamos ao dominó” (Joana). Todavia existe um número significativo de crianças que afirmam não realizar qualquer atividade com os avós como estes exemplos “Não muito de vez em quando vamos todos em família e vêm os meus avós maternos connosco se não, não fazemos nada” (Rute) e “Não sei com eles eu não costumo fazer muita coisa porque não estou muito com eles” (Sara).

Quando questionadas sobre as pessoas com quem conversam frequentemente sobre assuntos que consideram importantes, a grande maioria das crianças menciona, tanto os avós mais próximos em termos emocionais, como os pais. Menos frequentemente, afirmam conversar com os irmãos, os amigos e outros (madrinha, psicóloga, primos, tios, avós e vizinhos). As crianças entrevistadas manifestaram sentir-se seguras em desabafar e conversar com os familiares mais chegados, nomeadamente os avós que lhes são mais próximos em termos afetivos, realçando a importância que lhes atribuem.

Quando interrogadas sobre se falam de assuntos importantes com os outros avós (menos próximos afetivamente), as respostas divergem das que dão a propósito dos avós mais próximos, em termos emocionais. Com efeito, a maioria das crianças refere que não fala de assuntos que consideram importantes com os avós menos próximos emocionalmente, o que põe em evidência

quão distinta é a relação com os avós de quem se sentem emocionalmente mais próximos e com os outros avós.

Os temas que as crianças abordam com os avós são diversos. Agrupei-os também em 3 categorias: temas centrados na criança, temas centrados nos avós e temas centrados em ambos (netos e avós). As respostas mais frequentes apontam para temas centrados nas crianças, como assuntos relacionados com a escola, brincadeiras, amizades e outros assuntos mais pessoais ou relacionados com as atividades em que as crianças estão envolvidas. Para ilustrar esta afirmação apresento algumas respostas das crianças “É as notas mais ou menos e depois alguns problemas que tenho com a minha irmã e outros que acontecem” (Júlia) e “Sobre a escola, sobre... mais eu ia dizer outra coisa... sobre a escola... hum... sobre a família...sobre os amigos e amigas, sobre isso” (Joana).

As crianças referem também, ainda que menos frequentemente, assuntos que classifiquei na categoria de temas centrados, simultaneamente, nos avós e nos netos. São exemplos destes temas, as preocupações com a família ou o futebol como estes excertos exemplificam “discutimos futebol” (Filipe), outro exemplo é “Tipo a saúde do meu pai porque ele já foi várias vezes ao hospital e coisas assim” (Flávio) e “Já há algum tempo, foi quando o meu pai foi operado à anca, falei sobre isso com eles, e acho que não me lembro de mais nada” (André). Em último lugar, em termos de frequência com que são mencionadas, surgem os temas centrados nos avós. Neste caso, predominam as conversas sobre a importância e preocupação com os avós, para exemplificar apresento este excerto “Que nunca na vida a deixarei sozinha que irei estar sempre ao lado dela para aquilo que ela precisar e que quando quiser ajuda eu estou sempre aqui para ajudá-la” (Daniel).

Em contrapartida, existem assuntos que as crianças não se sentem muito à vontade para conversar com os avós. Trata-se de assuntos de carácter íntimo, como namorados e amizades. Para não preocuparem os avós, as crianças nem sempre conversam sobre a família, amigos e saúde. Com efeito, quase todas as crianças referem a existência de temas a não abordar com os avós uma vez que estes ficam preocupados, o que não lhes faz bem à saúde, para exemplificar apresento estes excertos “Não com o meu avô só falava às vezes da minha mãe porque ele perguntava-me se a minha mãe estava bem, mas nós com medo de eles ficarem, piores nunca contávamos nada, como a minha avó presente tudo, não fala mas presente tudo nós nunca podemos falar à beira dela porque ela começa a chorar e o estado dela, ela irrita-se, ela irrita-se muito e nós nunca arriscamos a contar porque mesmo as auxiliares dizem que para as coisas,

para chorar e isso, nunca chorar lá é preferível chorar pelo caminho de casa ou cá fora mas à beira dela nunca porque ela sentia” (Carla), outro exemplo é “Sim, sobre por exemplo namorados e assim, eu nunca conseguia falar com a minha avó e com o meu avô sobre isso” (Claudia) outro exemplo é “Sobre os meus colegas” (Rute) e ainda “Coisas muito pessoais” (Beatriz).

Durante a entrevista, foi perguntado às crianças se consideram que aprendem com os avós mais próximos emocionalmente e, no caso afirmativo, o que aprendem. As respostas obtidas foram sintetizadas em 3 categorias: (1) aprendizagem de comportamentos (ex: religião, ser mais calmo, importância da alimentação saudável, etc.), (2) aprendizagem de competências práticas (ex: noções de agricultura, canto, tricot, cozinha, futebol, noções de construção, jogos de cartas) e, por fim, (3) aprendizagem de conhecimentos (“coisas antigas”, palavras utilizadas outrora e geografia). A grande maioria das crianças afirma aprender com os avós, tal como mencionado por Mueller (2002) ou por Harwood (2004), para quem as relações avós e netos proporcionam um meio de aprendizagem, de partilha e de confiança, de uma forma descontraída e livre.

As crianças entrevistadas afirmam que aprendem sobretudo comportamentos com os avós, mais do que competências práticas ou conhecimentos. Para exemplificar esta afirmação apresento alguns excertos “Às vezes acho que aprendo porque às vezes por exemplo andamos a passear e alguém me quer dar qualquer coisa e ele diz que não posso aceitar de pessoas que não conheço e assim” (João), outro exemplo é “Sim que tudo se resolvia e que nós temos que lutar não podemos ficar parados à espera que os problemas passassem, temos que nos fazer à vida como ela dizia e eu sempre que chegava lá e chorava ela notava que eu ficava mais e perguntava, “então rapariga tu ainda estás assim? Tens que te alegrar” (Carla) apresento outro exemplo “Aprendo que, aprendo que às vezes quando o supermercado é muito perto de nós, nós nunca devemos deixar a porta aberta, devemos ter sempre tudo fechado e seguro. E muitas outras coisas” (Bárbara) e ainda “Aprendi que nós devemos respeitar os outros, devemos ser bem comportados, devemos ajudar sempre aqueles que necessitam e assim” (Paula).

As respostas à questão de saber o que os avós aprendem com os netos foram também classificadas em 3 categorias, idênticas às anteriores, mas de conteúdo um pouco diferente. A categoria “aprendizagem de comportamentos” inclui agora aprender a ser mais descontraído, a adotar comportamentos mais atuais, a andar na moda e a cuidar-se. Na categoria “aprendizagem de competências práticas” são referidas as aprendizagens sobre as novas tecnologias, noções de agricultura, jogos e músicas da atualidade. Por fim, na categoria da aprendizagem de

conhecimentos, os avós ficam a saber o que é ser criança, aprendem palavras novas e obtêm informações sobre a escola.

Para as crianças, o que os avós mais aprendem com elas está relacionado com as competências práticas, com destaque para a utilização das novas tecnologias, ainda desconhecidas mas que motivam grande curiosidade dos avós. Sampaio (2008) refere que as novas tecnologias podem ser um ponto de partilha, em que os avós aprendem algo novo. Apresento de seguida alguns exemplos que ilustram a afirmação deste parágrafo “Sim, ensinei-os a usar o tablet e agora quando eles não têm nada para fazer vão jogar no tablet é a única coisa que eles sabem fazer” (Bárbara) outro exemplo é “Sim, ajudei a minha avó a criar um facebook” (Miguel) e por fim “Ah já ensinei a minha avó a usar o snapchat” (Claudia)

Uma vez interrogadas sobre a relação que têm com os avós, foi pedido às crianças que avaliassem, numa escala de 0 a 10, em que 0 quer dizer “nada próximo emocionalmente” e 10 “extremamente próximo emocionalmente”, quão próximos se sentem dos seus avós. A grande maioria das crianças mencionou o valor 10, o que demonstra que estas se sentem muito próximas afetivamente dos seus avós. Nenhum entrevistado mencionou nenhum valor inferior a 5 o que demonstra que as crianças consideram os avós muito próximos emocionalmente. Em relação aos outros avós de quem não se sentem tão próximos emocionalmente, os valores atribuídos estão um pouco mais dispersos, apesar das crianças mencionarem em primeiro lugar o valor 10, de seguida o 9 e depois o 8. No entanto, algumas crianças mencionam valores bem mais baixos, tais como 4 e 3.

Por fim e para terminar o grupo da interação dos avós com os netos irei analisar o que representam os avós para os netos. As crianças consideram os avós parte da família referindo-se a eles como “segundo pai”, “segunda mãe” e “raiz”. Também se referem aos avós como “amigos” que os protegem, como provedores de afeto e como “professores” já que contribuem para a sua educação. Apresento de seguida alguns excertos “A minha raiz porque em muitas coisas que eu sou devo-lhes a eles e mais ou menos vejo-me neles, sou baseada neles e toda a determinação e tudo o que aprendi com eles” (Carla), outro excerto é “Os meus avós para mim são como meus segundos pais, acho que fazem, a minha avó faz o lugar de minha mãe, de minha segunda mãe e o meu avô de meu segundo pai” (Barbara) e ainda “Representam que são muito importantes para as nossas vidas e sem eles nós não eramos nada” (Paula).

### iii. O papel dos pais na relação netos-avós

Com o objetivo é compreender qual a influência e papel dos pais na relação dos netos com os avós, perguntou-se às crianças se os avós descrevem episódios do tempo em que a mãe/pai eram crianças, se os pais costumam estar presentes quando eles estão com os avós, se os pais costumam perguntar o que a criança fez ou sobre o que conversou quando esteve com os avós, se os pais incentivam a criança a visitar ou ligar para os avós e como avaliam, numa escala de 0 a 10, a relação dos pais com os avós mais próximos emocionalmente e com os outros avós. E ainda, se os pais das crianças têm alguma dificuldade em relacionar-se com algum dos seus avós e, no caso afirmativo, com qual e porque é que considera difícil.

Em relação às histórias que os avós contam sobre o tempo em que o pai ou a mãe eram crianças, os entrevistados referiram, na sua maioria, que os avós lhe relatam histórias muito variadas, como brincadeiras/asneiras que os pais faziam, namoro dos pais, tempo em que andavam na escola, comentários sobre fotografias, histórias do exército, de viagens, sobre o aspeto físico dos pais, sobre a ajuda que os pais davam aos avós e ainda sobre doenças.

Apresento aqui alguns excertos de respostas que referem bem o mencionado acima “Sim e eu gosto de ouvir” (Cátia) sobre o namoro dos pais “Sim que fugiam pela janela, para ir ter um com o outro e que depois chegava a casa e a minha avó tinha medo que o meu avô da parte da minha mãe lhe batesse mas ele batia-lhe porque não gostava a minha avó, o meu avô tinha campos e tinha que os tratar e então eles fugiam todos porque ninguém queria e quando era a minha mãe a cozinhar deixava sempre a comida insabida porque não queria cozinhar e o meu pai fugia de mota porque queria ir ter com a minha mãe” (Alexandra) outra história sobre o namoro “Sim quando eles, só sei que o meu avô contou que quando os meus pais começaram a namorar eles fugiam, porque a minha mãe não queria que o meu avô soubesse, mas o meu avô chegou a saber e pronto reagiu bem” (Patrícia).

Os avós também contam histórias sobre o tempo em que os seus filhos frequentavam a escola: “Ah só sei que o meu pai quando era o tempo dele, ele ficava sempre quase na escala dos meninos que não sabiam quase nada.. não sabia nada” (Eva) ou ainda “Hummmm a minha avó dizia-me que o meu pai quando era novo que ele era bom aluno, como é que ele se portava na escola que portava-se bem e acho que queria ser padre ou qualquer coisa assim” (Andreia).

Os avós também fazem referência a histórias sobre as brincadeiras ou asneiras que os pais das crianças faziam: “Lembro-me que quando eu comecei a andar de bicicleta uma vez a minha avó contou-me uma história que a minha mãe queria ensinar a minha prima a andar de

bicicleta, a minha madrinha desculpa e então um dia ela estava a ensiná-la a andar estava assim a agarrar a bicicleta e ela não me largues, não me largues até a uma certa altura que a largou e ela continuou a andar sempre a pensar que estava a agarrar e a uma certa altura olhou para trás e a minha mãe não estava, a minha madrinha caiu e foi logo atrás da minha mãe, só que ela pegou na bicicleta do meu tio e começou a fugir” (Filipe). Outro exemplo: “Lembro-me que quando o meu pai era pequeno precisava de dinheiro e foi à carteira dele e depois quando era a correr ele caiu e depois o dinheiro coisou e o meu avô deu-lhe uma porrada” (Cátia) ou ainda: “Sim. Por exemplo, o meu pai que andava a atirar pedras para cima dos miúdos e rachava-lhes a cabeça” (Maria).

Também foram mencionados relatos sobre o tema da saúde em que os avós falam das doenças dos pais: “É mais de doença quando o pai era pequeno era doente e essas coisas todas. Eles estão sempre a falar de doenças” (Rafaela) e ainda “Eles é mais ele quando era pequenino teve uma paralisia e teve que andar em muitos tratamentos, está a ver é mais isso?” (Rafaela).

Podemos então concluir que os avós gostam de partilhar histórias e recordações dos seus próprios filhos aos netos, esta partilha é essencial e aproxima muito os membros da família, pois os avós sentem-se felizes em partilhar algo que já viveram sentindo-se como professores e os netos podem aprender com as experiências e erros dos seus pais. O que se verificou também foi o entusiasmo dos netos em ouvir as histórias dos avós, pois estes referiram que para além de gostarem, divertiam-se com as recordações.

Com o objetivo de compreender se os pais mantêm um papel mediador da relação avós-netos, comecei por procurar saber se os pais estão presentes quando os avós estão com os netos. A maioria das crianças mencionou que os pais costumam estar presentes quando os netos estão com os avós, apesar de um número significativo de entrevistados referir que não estão presentes. Estas repostas demonstram que os pais das crianças se preocupam em visitar os seus próprios pais (avós) e ao mesmo tempo consideram importante a convivência de todos.

Com o mesmo objetivo, perguntei ainda as crianças se os pais as questionam sobre o que fizeram ou conversaram com os avós. A grande maioria das crianças mencionou que os pais perguntam o que fizeram e conversaram mas, novamente, um número significativo referiu que não perguntam. O seguinte discurso ilustra a primeira situação: “Sim, por exemplo, com o meu avô da parte da minha mãe que tem alzheimer e está com o início de alzheimer e querem saber o que é que ele pensa para dizerem aos médicos e então perguntam-me o que é que ele me pergunta, se é mais relacionado com a minha avó ou porque o meu avô diz se a minha mulher for



(relacionado com a morte) eu também vou e eles querem para vigiar e mesmo as auxiliares do lar querem que lhe transmita” (Carla). Neste caso específico, a razão do questionamento dos pais está relacionada com a preocupação com a saúde do avô.

Os pais para além de perguntarem o que as crianças fizeram ou conversaram com os avós demonstram outras preocupações que estão descritas, por exemplo, no seguinte excerto “Sim, costumam dizer sempre principalmente da escola, depois se correu tudo bem se não me magoei nem nada e se correu tudo bem na casa dos meus avós, o que é que eu aprendi, se gostei e se quero ficar lá mais algum dia ou se quero ficar em casa” (Beatriz). Sem qualquer dúvida que, com este tipo de perguntas, os pais demonstram preocupação com a relação dos avós com os netos.

Por seu turno, as crianças que mencionaram que os pais não lhes perguntam o que fizeram com os avós afirmam: “Costumam perguntar coisas da escola, costumam-me estar sempre a dizer para ir estudar e, mas isso não perguntam sobre o que conversei com os avós não perguntam nada disso” (Maria) e ainda “Têm muita confiança” (Maria). Para esta criança a razão pela qual os pais não lhe perguntam nada sobre o que fez com os avós é porque confia neles e consideram que correu sempre tudo bem quando estão juntos.

Procurando aprofundar o papel dos pais na relação netos-avós, perguntei ainda às crianças se os pais as incentivam a telefonar e a visitar os seus avós. Como mencionado por Mueller (2002), é essencial que para beneficiar as duas gerações, sejam incutidas formas novas de incentivar interações mais frequentes e úteis entre os avós e os netos. Este incentivo pode começar logo pela família mais chegada, como os pais, pois são pessoas de confiança e com credibilidade para a criança.

O que as crianças referiram foi que os pais se preocupam e as incentivam a telefonar e também a visitar os avós. Obtive respostas como “Sim muitas vezes eles dizem-me que é melhor vê-los agora que depois vou ter saudades deles, mas quando foi a minha avó da parte do meu pai a partir eu não a via mais ou menos há uma semana e então por não a ver e depois chorei muito porque não a via e queria ir e então eles como tiveram esse episódio têm medo e necessidade de me mandarem ir ver a minha avó” (Carla). Neste caso, a preocupação com a saudade e arrependimento que a criança pode sentir se o avô partir e ela não o visitar leva os pais a insistir para que visite os avós.

Também os pais da Inês se preocupam que a neta visite os avós: “Sim, às vezes eles perguntam-me se eu quero visitar a minha avó e assim para saber se está tudo bem e eu quero,

por isso sim” (Catarina). O mesmo acontece no caso do João: “Sim quando estamos em casa ele diz para ligar ao meu avô para ele vir também e assim” (João). Estes extratos de discurso ilustram bem a preocupação dos pais no sentido de motivarem os seus filhos a relacionarem-se com os avós.

Algumas crianças referiram, no entanto, que os pais não os incentivam a conviver com os avós: “Não eu é que quero ligar” (António). Trata-se de uma criança que, apesar de os pais não lhe dizerem nada, ele próprio toma a iniciativa de ligar e visitar os seus avós. A Júlia é um outro exemplo de criança que toma a iniciativa, por si só, de contactar os avós: “Não porque eu é que vou lá quando eu quero, muitas vezes eu quero, só que está de noite e eu não posso ir” (Júlia). Mas os pais podem não incentivar o convívio entre os netos e os avós por outros motivos: “Não porque eu estou quase sempre com eles, eu estou muito com eles e eles não precisam, não costumam dizer” (Sara). Neste caso, como a criança já está muito tempo com os seus avós, os pais não necessitam de incentivar o convívio intergeracional. Mas, no caso do Flávio, a interação entre avós e netos não parece merecer a atenção dos pais: “Os meus pais não costumam dizer isso” (Flávio). Os motivos para esta atitude podem ser diversos tais como a inexistência de uma boa relação entre os pais e os avós da criança, desvalorização da relação dos avós com os netos, ou até desvalorização da família.

Para avaliar a relação dos pais com os avós, pedimos ainda às crianças para a classificarem numa escala de 0 a 10 pontos. Em relação aos avós mais próximos emocionalmente, a grande maioria das crianças referiu que a relação dos pais com os avós é extremamente próxima (10 pontos). Nenhuma referiu um valor inferior a 5, o que demonstra que as crianças consideram que os pais têm boa relação com os avós. Apresento um exemplo referido por duas crianças: “Eu acho que são 10 porque eles dão-se muito bem” (Eva), e “10 eles são muito amigos, ela é muito amiga a minha avó apoia em tudo a minha mãe, mesmo as decisões más ela diz que tem que fazer e apoia em tudo” (Patrícia). Todas estas respostas demonstram que as crianças consideram que os pais têm uma relação muito próxima com os avós. Segundo Drew e Silverstein (2007) referem vários fatores que influenciam a relação dos netos com os avós e, entre eles, mencionam a qualidade da relação entre os avós e os seus filhos e ainda entre os avós e os cônjuges dos filhos.

Relativamente aos avós não tão próximos afetivamente, as crianças consideram que a relação dos pais com os avós também é extremamente próxima: “Do meu pai também a minha avó gosta muito do meu pai, o meu pai também gosta da minha avó como se fosse uma mãe, o

meu pai está a trabalhar não pode sair do trabalho ele trabalha numa firma de ouro o meu pai, depois à noite vai para o estabelecimento da minha mãe e a minha avó manda-lhe comida para ele comer, porque ele não vai comer sempre hamburguer 's e baguetes todos os dias" (Patrícia) e ainda "Sim, porque eles não são aqueles pais, que tipo estão sempre zangados e assim" (Maria). Este tipo de respostas demonstra que as crianças reconhecem que mesmo os outros avós têm uma relação extremamente importante com os seus pais e compreendem a importância disso. No entanto, nesta questão, duas crianças atribuíram 2 pontos à relação dos pais com os avós: "Ah 2, ele não está muitas vezes" (Luís e Paula). Mas estes dois casos são exceções visto que a maioria considera a relação entre os seus pais e avós muito ou extremamente próxima

Questionadas sobre se têm dificuldade em relacionar-se com algum dos seus avós, a grande maioria das crianças refere que se relaciona muito bem com todos os avós. No entanto, o Luís refere que tem dificuldade em relacionar-se com os avós paternos "Porque não costumo estar muitas vezes com eles e estou mais à vontade com os maternos, porque estou muitas vezes com eles, passo o natal com eles, passo as festas" (Luís). Esta criança, como não tem muita interação com os avós paternos, quando está com eles não se sente muito à vontade.

As dificuldades de interação com os avós podem ser determinadas por problemas de saúde destes: "Tenho (dificuldades) com a minha avó que está acamada porque é muito difícil, nós dizermos-lhe coisas e perguntarmos as coisas e tentar adivinhar. Ela não nos dá a resposta, nós é que temos que adivinhar pelos movimentos dela e a minha avó praticamente não se mexe" (Carla). Também a Rafaela menciona as dificuldades na relação com a avó por motivos de saúde desta: "(Tenho dificuldades) por causa dos problemas de saúde" (Rafaela).

Mas, as dificuldades de relacionamento podem ter outros motivos que se prendem com as características de personalidade dos avós: "Porque ela está sempre a botar as culpas para mim e foi a minha irmã, porque a minha irmã é mais pequenina do que eu e toda a gente pensa que sou eu e foi ela" (Júlia). Esta criança sente-se injustiçada quando a avó decide que é ela que tem sempre a culpa. Também a Beatriz menciona dificuldades de relacionamento por motivos que se prendem com a saúde mas também com as características da personalidade do avô: "O meu avô às vezes berra por tudo e por nada. Ele não ouve bem mas eu acho que ele entende mal e depois está sempre a dizer "o quê?". E depois se eu puser a televisão sem som, ele pensa que estraguei a televisão toda e ele começa-me a berrar tanto que quando eu ponho sem som, a minha avó nota que eu pus sem som e tenta resolver o problema porque ela já sabe, mas o meu avô começa logo a berrar e eu já não..." (Beatriz).

## **b) Perfis relativos ao papel dos netos na interação netos-avós**

A análise tipológica é utilizada na metodologia qualitativa e serve para ordenar os materiais recolhidos, classificá-los através de critérios pertinentes, encontrar as dimensões de diferenças e semelhanças, as variáveis mais particulares e frequentes (Guerra, 2008). Para este estudo utilizei a construção de tipologias por semelhanças, cujo objetivo é reagrupar por critérios de proximidade de conteúdo em agrupamentos exclusivos. A tipologia é criada a partir da análise das entrevistas e é exclusiva, visto que um entrevistado que está numa tipologia não está na outra. As entrevistas analisadas foram divididas em 4 perfis que caracterizam o papel dos netos na interação que estabelecem com os avós mais próximos afetivamente. Dentro de cada perfil a informação está estruturada de acordo com as características sociodemográficas das crianças, as características e identificação dos avós, a qualidade da relação (satisfação com a relação, proximidade emocional e frequência de contacto), as características funcionais da relação e o papel desempenhado pelos pais na relação avós-netos.

### **Perfil 1 (Os afetivos)**

#### **Características sociodemográficas das crianças**

Este grupo é constituído por 20 crianças, em que a idade que está mais presente são os 10 anos, com 10 inquiridos, de seguida são os 11 anos, com 6 crianças e por fim, 12 anos com 3 entrevistados.

A grande maioria das crianças deste grupo são do género feminino, com 16 entrevistados e apenas 6 do género masculino.

#### **Características e identificação dos avós**

Em relação ao número de avós dos entrevistados a grande maioria ainda tem dois avós maternos. E todas as crianças têm pelo menos um avô vivo. Da linha paterna, as crianças têm quase todas os dois avós, no entanto, um número significativo de crianças tem apenas um avô vivo. E uma criança já não tem nenhum avô vivo.

Os avós destas crianças têm de 1 a 30 netos. Verifica-se que os avós paternos são os que têm uma maior quantidade de netos e o número mínimo são 3 netos. Já em relação aos maternos, o número mínimo de netos é 1 e o máximo de 12.

A grande maioria das crianças ocupa uma posição intermédia no conjunto de netos dos avós maternos. O segundo grupo mais importante é o de netos mais novos. Apenas um inquirido é o neto mais velho e três são netos únicos. No conjunto dos netos dos avós paternos há maior diversidade de situações. São em mesmo número as crianças que são os netos mais novos e os do meio e apenas 3 crianças são os netos mais velhos e também 3 são netos únicos.

Para os inquiridos, os avós que são considerados mais próximos em termos afetivos são os da parte da mãe, um facto interessante é que alguns consideram que os 4 avós são muito próximos. Em termos afetivos, os netos mencionaram que têm uma relação extremamente próxima com os avós mais próximos. As razões da escolha dos avós maternos como os mais próximos afetivamente prendem-se com o facto de passarem mais tempo com eles.

Os avós deste grupo têm idades entre os 60 e os 70 anos, na grande maioria possuem o 4º ano de escolaridade, são reformados e de boa saúde.

### **Qualidade da relação (satisfação com a relação, proximidade emocional e frequência de contacto)**

A distância a que vivem dos avós mais próximos afetivamente é muito reduzida (são vizinhos ou vivem mesmo juntos). A grande maioria das crianças tem contacto presencial quotidiano com os avós e falam ao telefone com eles. Já com os outros avós, a frequência de contacto presencial é, em geral, de uma vez por semana. Uma criança referiu que nunca está com os avós e o contacto telefónico é nulo.

As crianças deste grupo atribuem grande importância ao contacto com os avós, tanto com aqueles que consideram mais próximos afetivamente como com os outros avós. Para estas crianças, os avós representam a família.

### **Caraterísticas funcionais da relação**

As atividades que desenvolvem com os avós mais próximos afetivamente são atividades centradas nos avós e nas crianças, simultaneamente. No entanto, no que diz respeito aos outros avós, a maioria dos inquiridos refere não desenvolver nenhuma atividade enquanto alguns afirmam desenvolver atividades centradas, simultaneamente, nas crianças e nos avós.

Com os avós que lhes são mais próximos emocionalmente, as crianças aprendem sobretudo comportamentos e muito pouco competências. Já no que respeita aos outros avós, a maioria dos inquiridos diz aprender competências práticas. Alguns mencionam aprender comportamentos e, um número considerável de crianças afirma não aprender nada com estes avós.

O que mais se destaca na socialização dos avós pelos netos é a aprendizagem de competências. Tanto os avós mais próximos emocionalmente como os outros usufruem deste tipo de ensinamentos dos netos.

Os assuntos abordados entre avós e netos são centrados sobretudo nas crianças. Conversam com os avós sobre assuntos pessoais mas não conversam sobre família e amigos.

### **Papel desempenhado pelos pais na relação avós-netos**

As crianças deste perfil gostam muito de ouvir as histórias dos avós sobre os seus pais. A maioria delas dizem respeito à escola e brincadeiras/asneiras que os pais fizeram. Estas crianças costumam visitar os avós com os seus pais e, quando o não fazem, os pais costumam perguntar o que fizeram ou conversaram quando estiveram com os avós. As crianças consideram que os pais as incentivam a visitar e ligar para os avós. A relação dos pais com os avós é extremamente próxima, em termos emocionais.

Os indivíduos deste perfil referem que não sentem dificuldades em se relacionarem com nenhum dos seus avós, à exceção de 3 crianças. Uma delas sente-se alvo de injustiça a avó a culpa de tudo o que a irmã faz e duas outras consideram que o avô “berra” com elas.

## **Perfil 2 (Os educadores/transmissores)**

### **Características sociodemográficas das crianças**

Este grupo é constituído por 9 crianças, em que as idades que estão presentes neste grupo são: 10 anos que corresponde a 4 crianças do grupo, 11 anos com igualmente 4 crianças e os restantes 2 têm 12 anos.

O género predominante neste perfil é o feminino. Com efeito, há 6 crianças do género feminino para 3 do género masculino.

### **Características e identificação dos avós**

A grande maioria das crianças deste perfil ainda tem os dois avós maternos e paternos vivos. No que diz respeito ao avô/avó de quem as crianças se sentem mais próximas afetivamente, as respostas recaem sobretudo sobre os avós maternos. Nenhuma criança deste perfil mencionou os 4 avós como muito próximos afetivamente.

As razões para escolherem os avós maternos como os mais próximos afetivamente prende-se com o facto de serem com eles que passam mais tempo e com quem mais conversam.

Os avós deste grupo de crianças têm idades compreendidas entre os 55 e os 70 anos, possuem, em geral, o quarto ano de escolaridade, estão reformados e de muito boa saúde. Refira-se, no entanto, que quase metade das crianças deste perfil, não soube indicar a escolaridade dos avós.

### **Qualidade da relação (satisfação com a relação, proximidade emocional e frequência de contacto)**

As crianças deste perfil vivem muito, muito próximo dos avós, em termos geográficos (menos de 1 km, na vizinhança ou sob o mesmo tecto) ou vivem a mais de 4 km de distância dos avós mais próximos afetivamente. Contactam pessoalmente estes avós todos os dias ou pelo menos 2 ou 3 vezes por semana. Também contactam os avós por telefone.

Têm contacto presencial com os restantes avós 2 ou 3 vezes por semana, à exceção de uma criança que não tem nenhum contacto. A maioria das crianças deste perfil refere que contacta telefonicamente os avós.

Os avós representam a família mas também são vistos como amigos e fonte de carinho.

Estas crianças atribuem grande importância ao contacto com todos os avós.

### **Caraterísticas funcionais da relação**

Com os avós mais próximos as crianças aprendem sobretudo comportamentos e competências práticas. Ao invés, afirmam em geral não aprender nada com os outros avós.

Estas crianças ensinam aos avós competências práticas e transmitem-lhes conhecimentos.

As atividades que desenvolvem juntos são mais centradas na criança, no que diz respeito aos avós mais próximos afetivamente. Já as atividades que realizam com os outros avós são centradas simultaneamente nas crianças e nos avós.

Os assuntos que falam com os avós são sobre os avós, pais e amigos, em simultâneo também falam sobre assuntos centrados na criança, tanto os avós mais próximos como os outros.

Os assuntos que não falam com os avós centram-se nos assuntos pessoais da criança, todavia a grande maioria sente-se à vontade para falar de qualquer assunto com os avós.

### **Papel desempenhado pelos pais na relação avós-netos**

A maioria das crianças deste perfil afirma estar com os avós, geralmente na presença dos pais. Quando tal não ocorre, os pais não têm o hábito de lhes perguntar o que fizeram ou conversaram com os avós. Mas os pais incentivam estas crianças a telefonarem ou visitarem os avós.

Estas crianças classificam como extremamente próxima emocionalmente a relação que os pais estabelecem quer com os avós maternos quer paternos. De registar uma única exceção, o caso de uma criança que atribui 6 pontos em 10 à relação dos pais com os avós paternos.

Todas as crianças referiram que se relacionam bem com os seus avós.

### **Perfil 3 (Os desinteressados)**

#### **Características sociodemográficas das crianças**

Este grupo é constituído por 3 crianças, em que a idade que está mais presente são os 10 anos, com 6 inquiridos e de seguida são os 11 anos, com 1 inquirido.

O género predominante neste perfil é o masculino. Com efeito, há 4 crianças do género masculino para 3 do género feminino.

#### **Características e identificação dos avós**

Em relação ao número de avós dos entrevistados a grande maioria ainda tem dois avós maternos. E todas as crianças têm pelo menos um avô vivo. Nos paternos as crianças têm quase todas os dois avós, no entanto um número significativo de crianças tem apenas um avô vivo. E uma criança já não tem nenhum avô vivo.

Os avós destas crianças têm de 2 neto até 21 netos. Verifica-se que os avós maternos são os que têm uma maior quantidade de netos e o número mínimo são 2 netos. Já em relação aos paternos, o número mínimo de netos é 3 e o máximo 10.

A grande maioria das crianças ocupa uma posição intermédia no conjunto de netos dos avós maternos. No conjunto dos netos dos avós paternos há maior diversidade de situações. São



em mesmo número as crianças que são os netos mais novos e os do meio e apenas uma criança é o neto mais velho.

Para os inquiridos, os avós que são considerados mais próximos em termos afetivos são os da parte da mãe, um facto interessante é que com pouca diferença os paternos também são muito próximos. As razões da escolha dos avós maternos como os mais próximos afetivamente prendem-se com o facto de passarem mais tempo com eles.

Os avós deste grupo têm idades entre os 60 e os 70 anos, são reformados e de boa saúde e na grande maioria as crianças não têm conhecimento sobre ano de escolaridade dos avós.

### **Qualidade da relação (satisfação com a relação, proximidade emocional e frequência de contacto)**

A distância a que vivem dos avós mais próximos afetivamente é de uma distância de 3km. A grande maioria das crianças tem contacto presencial quotidiano com os avós e falam ao telefone com eles. Já com os outros avós, a frequência de contacto presencial é, em geral, de uma vez por mês ou só em épocas festivas e o contacto telefónico é nulo.

As crianças deste grupo atribuem grande importância ao contacto com os avós, tanto com aqueles que consideram mais próximos afetivamente como com os outros avós. Para estas crianças, os avós representam a família. Neste grupo um facto interessante é que uma criança mencionou a avó paterna como a mais próxima, no entanto esta já faleceu, mas na entrevista a criança preferiu falar da mesma. Esta é a razão para alguma das respostas não terem sido referidas para esta entrevista, pois não faziam sentido.

### **Caraterísticas funcionais da relação**

As atividades que desenvolvem com os avós mais próximos afetivamente são atividades centradas nas crianças e nas crianças e nos avós, simultaneamente. No entanto, no que diz respeito aos outros avós, a maioria dos inquiridos refere desenvolver atividades centradas tanto nas crianças como nos avós, enquanto alguns afirmam desenvolver atividades centradas nos avós e nenhuma atividade, simultaneamente.

Com os avós que lhes são mais próximos emocionalmente e com os outros, as crianças aprendem sobretudo competências práticas. Os avós são considerados como "professores" tanto os mais próximos emocionalmente como os outros.

Não conversam com os avós sobre assuntos pessoais, nem sobre família, tanto com os avós mais próximos como com os outros avós.

### **Papel desempenhado pelos pais na relação avós-netos**

As crianças deste perfil gostam muito de ouvir as histórias dos avós sobre os seus pais. A maioria delas dizem respeito à escola e ao namoro dos pais. Estas crianças costumam visitar os avós com os seus pais e, quando o não fazem, os pais não costumam perguntar o que fizeram ou conversaram quando estiveram com os avós. As crianças consideram que os pais as incentivam a visitar e ligar para os avós. A relação dos pais com os avós é extremamente próxima, em termos emocionais. Todavia, apenas uma criança considera que a relação dos pais com os avós não é nada próxima.

Os indivíduos deste perfil referem que não sentem dificuldades em se relacionarem com nenhum dos seus avós, à exceção de 2 crianças. Uma delas considera que passa pouco tempo com os avós e a outra considera difícil lidar com a avó acamada.

### **Perfil 4 (Os auxiliares)**

#### **Características sociodemográficas das crianças**

Deste grupo faz parte uma única criança que apresenta características e que estabelece uma relação com os avós distinta das crianças dos demais grupos. Trata-se de uma criança de 11 anos, do género feminino.

#### **Características e identificação dos avós**

Esta criança tem 2 avós maternos e 1 paterno. Os avós maternos são os que têm mais netos. A inquirida ocupa a posição intermédia para os avós maternos e a posição de mais nova para os paternos.

A idade dos avós é entre os 70 anos, o ano de escolaridade foi até ao sexto ano, são reformados e a sua saúde é boa.

Os avós mais próximos são os maternos e as principais razões são por passarem mais tempo juntos e os avós a ajudam muito.

#### **Qualidade da relação (satisfação com a relação, proximidade emocional e frequência de contacto)**

Atribui pouca importância ao contacto com os avós mais próximos emocionalmente e os outros.

Os avós mais próximos e os outros não representam a família e também não são visto como professores.

A distância que vive dos avós mais próximos é cerca de 2km, costuma estar com os avós duas vezes por semana e não fala ao telefone com eles. Em relação aos outros avós, não costuma estar com os avós, nem costuma falar ao telefone.

### **Caraterísticas funcionais da relação**

Ensina aos avós mais próximos emocionalmente e aos outros comportamentos. Desenvolve com os avós mais próximos e os outros apenas atividades centradas nos avós;

Fala com os avós tanto os mais próximos como os outros da família e de assuntos que interessam às crianças.

### **Papel desempenhado pelos pais na relação avós-netos**

Esta criança gosta muito de ouvir histórias dos avós sobre os seus pais. A história mais comum é sobre a escola dos pais. A inquirida costuma visitar os avós com os seus pais e, quando não o fazem, os pais costumam perguntar o que fez ou conversou com os avós. A criança considera que os pais não incentivam a ligar ou visitar os avós. A relação dos pais com os avós mais próximos é próxima, em termos emocionais, todavia com os outros avós não é nada próxima. Não tem dificuldade em relacionar-se com nenhum dos seus avós.

## **Conclusão**

O desenvolvimento deste estudo permitiu, através da realização de entrevistas, compreender qual a opinião das crianças sobre a sua interação com os seus avós. Verifiquei qual a distância geográfica entre eles e se isso apresenta alguma influência na relação, compreendi se características como a idade e o número de netos dos avós apresenta algum efeito na relação. A frequência de contacto e as atividades que realizam juntos também podem influenciar a relação avós-netos. Outro aspeto é se a aprendizagem entre eles é mútua e qual o seu peso na relação entre os dois. Se conversam ou não sobre assuntos importantes. Se as crianças consideram importante o convívio com os avós e o que estes significam. E por fim, o papel dos pais na relação dos netos com os avós e a sua influência nesta relação. Outro aspeto avaliado foi a diferença entre os avós que as crianças consideram mais próximos e os outros e a explicação das mesmas.

O que se verifica no discurso dos entrevistados é que é atribuída grande importância ao contacto com os avós mais próximos, enquanto com os outros avós é dada pouca importância. Os avós representam a família. Os avós que são considerados mais próximos são os maternos e os inquiridos consideram que têm uma relação extremamente próxima com eles. As principais razões para a escolha dos avós maternos prende-se com o facto de passarem mais tempo com eles. Quanto às características dos avós, conclui que, em média, as idades estão compreendidas entre os 60 e os 70 anos, têm o quarto ano de escolaridade, são reformados e de boa saúde.

A distância a que os netos vivem dos avós mais próximos é muito reduzida, pois são vizinhos ou vivem juntos. O contacto presencial ou por telefone é frequente. Com os outros avós, este contacto não é tão frequente. As atividades que desenvolvem com os avós mais próximos são centradas tanto nos avós como nas crianças. Em relação aos outros avós, os entrevistados mencionam que não realizam nenhuma atividade com os mesmos.

Em relação à aprendizagem com os avós mais próximos, as crianças aprendem sobretudo comportamentos. Em relação aos outros avós aprendem competências práticas. No que respeita à aprendizagem dos avós com os netos, destacam-se as competências, não se distinguindo os avós mais próximos afetivamente dos outros. Os assuntos abordados pelos avós e netos são centrados sobretudo nas crianças e conversam com os avós sobre assuntos pessoais.

Em relação ao papel que os pais desempenham na relação avós e netos as crianças gostam muito de ouvir histórias dos avós sobre os seus pais. A maioria dizem respeito à escola e brincadeiras/asneiras que os pais fizeram. É frequente as crianças visitarem os avós com os seus pais e, quando não o fazem, os pais costumam perguntar o que fizeram ou conversaram quando

estiveram com os seus avós. As crianças consideram que os pais as incentivam a visitar e ligar para os avós. A relação dos pais com os avós é extremamente próxima, em termos emocionais. De uma forma geral, todas as crianças referiram que não sentem dificuldades em relacionar-se com os seus avós.

Conclui-se que se verificam inúmeras diferenças significativas entre a relação das crianças com os seus avós mais próximos afetivamente e a relação com os outros avós. Tal como noutros estudos realizados sobre a temática, verifiquei que os fatores como a distância geográfica, a frequência do contacto, as atividades que realizam juntos, a aprendizagem mútua, e a relação entre pais, avós e netos condicionam a relação avós-netos.

Para apresentar os meus resultados utilizei a tipologia por semelhança, onde reagrupei por critérios de proximidade de conteúdo em agrupamentos exclusivos. As entrevistas analisadas foram divididas em 4 perfis esta informação está estruturada de acordo com as características sociodemográficas das crianças, as características e identificação dos avós, a qualidade da relação (satisfação com a relação, proximidade emocional e frequência de contacto), as características funcionais da relação e o papel desempenhado pelos pais na relação avós-netos. Os perfis definidos foram: os afetivos, os educadores/transmissores, os desinteressados e os auxiliares. Este estudo pretende, depois de compreender a interação dos avós com os netos, chamar a atenção para a necessidade de políticas públicas que valorizem o papel dos avós com os netos e incentivem e criem condições para que os avós possam cuidar dos seus netos. Com isto, pretende-se incentivar uma maior interação e contribuir para elevar a sua qualidade.

## Referências Bibliográficas

- Almeida, João F. & Pinto, José M. (1982). *A investigação em ciências sociais* (3ª ed.) Lisboa: Editorial Presença
- Amstrong, M. J. (2005). Grandchildren 's influences on grandparents: a resource for integration of older people in new zealand 's aging society. *Journal of intergenerational relationships*, 3(2)
- André, Marli (2008). *Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos*. Cad. Pesq., São Paulo, (45), 66-71
- António, S. (2010). *Avós e Netos: Relações Intergeracionais. A Matrilinearidade dos afectos* (Instituto). Lisboa.
- Araújo, M. R. G. L., & Dias, C. M. D. S. B. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(1), 91–101. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100010>
- Attias- Duffont, C. (2001). The newgrandmother. *Ageing International*, 26(3-4), 58-63
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Ida.
- Bengston, V. L. & Roberts, R. E. L. (1991). Intergenerational Solidarity in Aging Families: Na Example of Formal Theory. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 856-870
- Beland, R. & Mills, T. (2001). Positive portrayal of grandparents in current children 's literature. *Journal of Family Issues*, 22(5), 639-651
- Bernal, J. G. & Anuncibay, R. F. (2008). Relevancia psico-socioeducativa de las relaciones generacionales abuelo-nieto. *Revista Española de Pedagogía*, 239, 103-118
- Cardoso, V. S. (2010). *Os avós e a concessão de guarda judicial de netos na perspectiva do ciclo de vida familiar*. (Pós-graduação)
- Cherlin, A., & Furstenberg, F. (1992). *The New American Grandparent: A Place in the Family, a Life Apart*. New York.
- Creasy, G. (1993). The association between divorce and late adolescent grandchildren 's relations with grandparents. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(5), 513-529
- Delerue Matos, A. e Borges Neves R., (2012), Understanding adolescent grandchildren's influence on their grandparents, in Sara Arber and Virpi Timonen (ed.), *Contemporary Grandparenting: Changing Family Relationships in Global Contexts*, Policy Press, 203-224
- Denham, T. E. & Smith, C. W. (1989). The influence of grandparents: A review of the literature and resources. *Family Relations*, 38(2), 345-350

- Dias, C. & Silva, D. (1999). *Os avós uma revisão da literatura nas três últimas décadas*. Rio de Janeiro: Nau.
- Dutra, H. (2008). *O papel das avós na promoção de estilos de vida saudáveis junto dos netos*. (Dissertação de mestrado)
- Drew, L. & Silverstein, M. (2007). *Grandparents' psychological well-being after loss of contact with their grandchildren*. *Journal of Family Psychology*, 23(3), 372-379.  
<http://psycnet.apa.org/journals/fam/21/3/372/>
- Elder, G. & Mueller, M. (2003). Family contingencies across the generations: Grandparent-grandchild relationships in holistic perspective. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 404-417
- Flores, G. (2008). *"Eu cuido dela e ela cuida de mim": Um estudo qualitativo sobre o cuidado intergeracional com o idoso*. (Dissertação de Mestrado)
- Furman, W. & Burmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology*, 21, 1016-1024
- Glaser, K., Gessa, G., & Tinker, A. (2014). Grandparenting in Europe
- Guerra, Isabel C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e análise de conteúdo*. Cascais: Príncipe Editora, Lda.
- Haguette, Teresa, M. F. (1997). *Metodologias qualitativas na sociologia*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes
- Harwood, J. (2004). Relational, role, and social identity as expressed in grandparents' personal web sites. *Communication Studies*, 55(2), 300-318
- Henting, H. (1946). The social function of the grandmother. In *Social Forces* 4, 389-392.  
<https://doi.org/10.2307/2572209>
- Hoffman, E. (1980). Young Adults' Relations with their Grandparents: An Exploratory Study. *International Journal of Aging and Human Development*, 10(3), 299-310
- Kahana, B., & Kahana, E. (1971). Theoretical and research perspectives on grandparenthood. In *Aging and human development*, 261-268
- Kientz, A. (1983). *As insubstituíveis avozinhas*, Lisboa: D. Quixote
- Kipper, C. e Lopes, R. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (1), 029-034

- Kivnick, H. Q. (1982). Grandparenthood: Na overview of meaninh and mantal health. *The Gerontologist*, 22, 59-66
- Kornhaber, A. (1996). *Contemporary Grandparenthood*. New York: Sage Publications.
- Lumby, J. (2010). Grandparents and grandchildren: a grand connection. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 8, 28-31
- Matthews, S. e Sprey, J. (1985). Adolescents' Relationships with Gradparents: Na Empirical Contribution to Conceptual Clarification. *Journal of Gerontology*, 40 (5), 621-626
- Mueller, M. M., Wilhelm, B., & Elder, G. H. (2002). Variations in Grandparenting. *Research on Aging*, 24(3), 360–388. <http://doi.org/10.1177/0164027502243004>
- Neugarten, B. L & Weinstein, K. (1968). *The Changing American Grandparent. Middle Age and Aging*. London: University of Chicago Press.
- Oliveira, Barros (2010). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. 4ª ed. Porto: Légia Editora. p. 144.
- Pires, M. (2010). Presença e papel dos avós: estudo de caso. *Departamento de Educação*.
- Robertson, J. F. (1975). Interation in three - generation families: parents as mediators. Toward a theoretical perspective. In *International Journal of Aging and Human Development* , 103–110
- Robertson, J. F. (1976). Significance of Grandparents. Perceptions of young adult grandchildren. *Gerontologist*, 16(2), 137-40
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador in Luc Albarello, Françoise Digneffe, Jean- Pierre Hiernaux, Christian Maroy, Danielle Ruquoy & Pierre de Saint-Georges (eds.). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Edições Gradiva, 84-116
- Sampaio, D. (2008). *A razão dos avós*. (R. Garriso & F. Sampaio, Eds.) (2ª edição). Lisboa: Caminho.
- Silverstein, M., & Long, J. D. (1998). Trajectories of grandparents' perceived solidarity with adult grandchildren: A growth curve analysis over 23 years. *Journal of Marriage and Family*, 60(4), 912–923. <https://doi.org/10.2307/353634>
- Sousa, L. (2006). Avós e netos: Uma relação afetiva, uma relação de afetos. In: *Povos e Culturas. Os avós como educadores*, 10, 39-50. Lisboa: CEPCEP
- Sousa, L., Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em Família - Os cuidados familiares na velhice*. Æmbar: Porto.



- Szinovacz, M. (1998). *Handbook on Grandparenthood*. British Library
- Triado, C., Martínez, G. & Villar, F. (2000). El rol y la importancia de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuario de Psicología*, 31(2), 107-118
- Tur, C. T. & Olivares, J. O. (2005) in Hernandez, S. P.; Martínez, M.S.. *Gerontologa: actualización, innovación y propuestas*. Madrid: Pearson Educación, 608
- Uhlenberg, P. & Hammill, B. G. (1998). Frequency of grandparent contact with grandchild sets: six factors that make a difference. *The Gerontologist*, 38(3), 276-285.  
<http://doi.org/10.1093/geront/38.3.276>
- Vala, Jorge (1986). Análise de Conteúdo in A. Santos Silva e J. Madureira Pinto (Eds.), *Metodología das ciências sociais*. Porto: Afrontamento

# **Anexos**

**Anexo 1 – Guião de entrevista**

**Guião de entrevista do estudo “A interação netos-avós na contemporaneidade”**

**População alvo:** Crianças dos 10 aos 12 anos da Cidade de Guimarães

**Entrevistado:**

**Entrevistador:** Sílvia Ferreira Fernandes

**Data:**

<b>Etapas</b>	<b>Duração</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Conteúdo</b>	<b>Observações</b>
Apresentação	1 min.	-Apresentação do entrevistador. -Dar a conhecer o objetivo da entrevista. -Assegurar a confidencialidade e anonimato. -Solicitar a sinceridade nas repostas.		
<b>Grupo I</b> Caracterização dos avós do entrevistado	15 min.	- Caracterização e identificação dos avós. - Compreender a que distância vivem os netos dos avós	1. Quantos avós maternos tens vivos? E quantos avós paternos tens vivos?	
			2. Quantos netos têm os teus avós maternos? E os paternos?	
			3. Qual é a tua posição como neto (+ velho, + novo, ou do meio) para os avós maternos? E para os paternos?	
			4. Qual o avô/avó que te sentes mais próximo em termos afetivos? 4.1 Numa escala de 0 a 10 em que 0 é nada próximo e 10 é extremamente próximo, quão próximo em termos afetivos te sentes desse avô/avó? 4.2. Porque te dizes mais próximo desse avô/avó do que dos outros avós?	
			5. Identifica algumas características desse avô/avó: 5.1. Qual a idade? 5.2. Qual o nível de escolaridade? 5.3. Qual a profissão que exerceu? 5.3.1. Qual a situação atual? 5.4. Qual o estado de saúde atual? 5.5. A que distância aproximada vives desse avô/avó (em quilómetros)? 5.6 Com que frequência tens contacto com esse avô/avó (por	

			telefone, internet ou presencialmente)? <b>5.7</b> E com que frequência estás com esse avô/avó presencialmente?	
<b>Grupo II</b> Interação dos netos com os seus avós	15 min.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perceber quanto tempo despendem juntos.</li> <li>- Compreender como aproveitam o tempo que estão juntos.</li> </ul>	<b>6.1.</b> Com que frequência tens contacto com outros teus avós (por telefone, internet ou presencialmente)? <b>6.2.</b> Com que frequência estás presencialmente com esses outros teus avós?	
			<b>7.1</b> O que costumavas fazer com o avô/avó de que te sentes mais próximo? <b>7.2</b> E com os outros teus avós?	
			<b>8.1</b> A maioria das pessoas fala com outras sobre coisas boas ou más que lhe acontecem, problemas pelos quais estão a passar, ou preocupações importantes que possam ter. Nos últimos 6 meses, quem foram as pessoas com quem falaste frequentemente sobre coisas que são importantes para ti? <b>8.2.</b> Falaste com o avô/avó de que te sentes mais próximo sobre algum assunto importante para ti? <b>8.3.</b> E com os outros avós?	
			<b>9.1.</b> Há assuntos sobre os quais falamos com algumas pessoas mas não falamos com outras. Gostaria que me disseses sobre que assuntos falas com o avô/avó de que te sentes mais próximo. <b>9.2</b> E com os outros avós, de que assuntos falas? <b>9.3</b> E de que assuntos não tens à vontade para falar com os teus avós? Porquê?	
			<b>10.1</b> Achas que aprendes coisas com o avô/avó de que te sentes mais próximo? Podes dar exemplos do que aprendeste com esse avô/avó? <b>10.2</b> E com os outros avós?	

			<p><b>11.</b> Achas que os teus avós aprendem alguma coisa contigo? Podes dar exemplos do que aprenderam contigo?</p> <p><b>11.1</b> Numa escala de 0 a 10, em que 0 é nada importante e 10 é extremamente importante, quão importante é para ti estares com o avô/avó de que te sentes + próximo?</p> <p><b>11.2</b> E quão importante é estares com os outros avós (também numa escala de 0 a 10)?</p>	
			<p><b>12.</b> O que representam o(s) teu(s) avó(s) para ti?</p>	
<b>Grupo III</b> Relação pais, avós e netos	10 min.	- Compreender qual o papel dos pais na relação dos netos com os avós;	<p><b>13.</b> O(s) teu(s) avó(s) descrevem-te episódios do tempo em que o teu pai/mãe eram crianças? Se sim, podes dar um exemplo?</p>	
			<p><b>14.</b> Os teus pais costumam estar contigo quando estás com os teus avós?</p>	
			<p><b>15.</b> Os teus pais costumam perguntar o que fizeste ou sobre o que conversaste com o teu(s) avó(s)?</p>	
			<p><b>16.</b> Os teus pais costumam dizer-te para ligares aos teus avós ou para os visitares?</p>	
			<p><b>17.</b> Numa escala de 0 a 10, em que 0 é nada próximo e 10 é extremamente próximo, quão próxima achas que é a relação dos teus pais com o avô/avó de que te sentes mais próximo? E com os outros avós?</p>	
			<p><b>18.</b> Por vezes, temos dificuldade em nos relacionarmos com algumas pessoas. Tens dificuldade em te relacionares com algum dos teus avós? Se sim, com qual dos avós? Porque achas que é difícil a relação com esse avô/avó?</p>	
<b>Grupo IV</b>	1 min.		<p><b>19.</b> Qual a tua idade?</p>	

Caracterização geral do entrevistado		- Identificação do entrevistado.	<b>20.</b> Género (anotar)	
			<b>21.</b> Qual a freguesia onde vives?	

## Anexo 2 – Consentimento informado



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

### **Consentimento Informado** **Encarregados de Educação**

*Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe é feita, queira assinar este documento, por favor.*

**Título do estudo:** A interação netos-avós na contemporaneidade

**Enquadramento:** Esta investigação enquadra-se no Mestrado em Estudos da Criança, área de especialização Intervenção Psicossocial com Crianças, Jovens e Famílias, do Instituto de Educação da Universidade do Minho e orientada pela Professora Doutora Alice Matos, do Centro de Investigações em Ciências Sociais.

**Explicação do estudo:** Para a concretização deste estudo é necessário a realização de uma entrevista. O objetivo é compreender quais os tipos de interação que os netos têm com os seus avós, mais especificamente, o tempo que despendem uns com os outros e a forma como avaliam essa interação.

**Condições:** A participação do(s) seu(s) educando(s) é voluntária e, caso não pretenda autorizá-lo(s) a participar, não terá por esse facto, qualquer prejuízo

**Confidencialidade e anonimato:** Garante-se o anonimato e a confidencialidade, bem como o uso exclusivo dos dados recolhidos para o referido estudo. Assegura-se ainda que os contactos serão feitos em ambiente que assegure a privacidade.

Agradeço a sua atenção e colaboração,

Sílvia Ferreira Fernandes, Educadora Social e mestranda da Universidade do Minho –  
[Silvia.fernandes\\_14@hotmail.com](mailto:Silvia.fernandes_14@hotmail.com)

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

*Declaro ter lido e compreendido este documento e, caso tenha colocado dúvidas, declaro ter sido esclarecido. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar que o meu educando participe neste estudo, sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária o meu educando fornecer, confiando que serão apenas utilizados para este fim e que é garantida a confidencialidade da informação e o anonimato dos participantes no estudo.*

NOME: .....
BI/CC Nº: ..... DATA OU VALIDADE ..... /..... /.....
GRAU DE PARENTESCO OU TIPO DE REPRESENTAÇÃO: .....
ASSINATURA .....

**ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA/S E FEITO EM DUPLICADO:  
UMA VIA PARA O/A INVESTIGADOR/A, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE**

### Anexo 3 – Assentimento informado



**Universidade do Minho**

Instituto de Educação

#### **Assentimento Informado**

*Por favor, lê com atenção a seguinte informação. Se tiveres alguma dúvida não hesites em perguntar. Se concordares com tudo o que foi dito assina no fim desta página.*

**Título do estudo:** A interação netos-avós na contemporaneidade

**Enquadramento:** Esta investigação enquadra-se no Mestrado em estudos da Criança, área de especialização Intervenção Psicossocial com Crianças Jovens e Famílias, do Instituto de Educação da Universidade do Minho e orientada pela Professora Doutora Alice Matos, do Centro de Investigações em Ciências Sociais.

**Explicação do estudo:** Para este estudo necessito que me concedas uma entrevista. O objetivo é perceber qual a relação que tens com o(s) teu(s) avó(s), quanto tempo estás com ele(s) e o que fazem juntos.

**Condições:** A tua participação é voluntária, o que significa que só aceitas se quiseres, não és obrigado a nada e o teu encarregado de educação também receberá toda a informação importante sobre este estudo.

**Confidencialidade e anonimato:** Tudo o que disseres tanto no questionário como na entrevista será só utilizado para o estudo que referi e os teus dados nunca serão divulgados.

Agradeço a tua atenção e colaboração,

Sílvia Ferreira Fernandes, Educadora Social e aluna da Universidade do Minho –  
Silvia fernandes\_14@hotmail.com

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

*Li e compreendi o documento, bem como as informações dadas pela pessoa que acima assina.*

*Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, rejeitar participar no estudo, sem qualquer problema. Assim, aceito participar neste estudo e permito a utilização da informação que presto de forma voluntária, confiando que serão só utilizados para o referido estudo.*

Nome: .....

Assinatura: .....

Data: ..... /..... /.....

SE NÃO FOR O PRÓPRIO A ASSINAR, POR IDADE OU INCAPACIDADE, PREENCHA ESTA CAIXA DE TEXTO, POR FAVOR (se o menor tiver discernimento e consentir, deve <u>também</u> assinar este documento, antes desta caixa de texto)
NOME: .....
BI/CC N°: ..... DATA OU VALIDADE ..... /..... /.....
GRAU DE PARENTESCO OU TIPO DE REPRESENTAÇÃO: .....
ASSINATURA .....

**ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA/S E FEITO EM DUPLICADO:  
UMA VIA PARA O/A INVESTIGADOR/A, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE**